

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA

TAYZA STEFANIE MARÇAL DA SILVA

**REPRESENTAÇÃO DOCUMENTÁRIA DAS PLANTAS ARQUITETÔNICAS DO
PROJETO CAT (Centro Agroambiental do Tocantins)**

Belém
2017

TAYZA STEFANIE MARÇAL DA SILVA

**REPRESENTAÇÃO DE CONTEÚDO DAS PLANTAS ARQUITETÔNICAS DO
PROJETO CAT (Centro Agroambiental Tocantins)**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de
Biblioteconomia - Universidade Federal do
Pará, como requisito para a obtenção do
Grau de Bacharelado em Biblioteconomia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Franciele Marques
Redigolo

Belém
2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

SILVA, Tayza Stefanie Marçal

Representação documentária das plantas arquitetônicas do projeto CAT (Centro Agroambiental do Tocantins)/ Tayza Stefanie Marçal SILVA. - 2018.

56 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Faculdade de Biblioteconomia, Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018. Orientação: Profa. Dra. Franciele Marques Redigolo

1. indexação. 2. tratamento de materiais cartográficos. 3. Centro Agroambiental do Tocantins. I. Redigolo, Franciele Marques, *orient.* II. Título

TAYZA STEFANIE MARÇAL DA SILVA

**REPRESENTAÇÃO DOCUMENTÁRIA DAS PLANTAS ARQUITETÔNICAS DO
PROJETO CAT (Centro Agroambiental do Tocantins)**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de
Biblioteconomia - Universidade Federal do
Pará, como requisito para a obtenção do
Grau de Bacharelado em Biblioteconomia,
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas.

BANCA DE DEFESA:

Prof^a Dr^a Franciele Marques Redigolo, Universidade Federal do Pará
(Orientadora)

Profa. Ms. Telma Socorro Silva Sobrinho

Prof. Dr. Hamilton Vieira de Oliveira

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha mãe, Fernanda Marçal da Silva (*in memoriam*), alicerce do meu ser. Sem o seu amor, educação e sacrifício não teria alcançado êxito algum. Perdê-la marcou profundamente minha alma, porém, o que conquistarei daqui em diante será dedicado a ela, como forma singela de reconhecimento e gratidão, pois nada que eu faça poderá transparecer sua dedicação e força de espírito que manteve a família unida, iniciando por esta pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo dom da vida e misericórdia.

Agradeço a minha irmã Taiana Kelly Marçal da Silva por me apresentar o curso de biblioteconomia, que se tornou minha escolha profissional.

Agradeço a meu pai, Sergio Fernando O. da Silva pelo cuidado e ensinamentos, a irmã Priscila Uana pela paciência e cuidado que sempre teve comigo, aos meus sobrinhos Paulinho pela alegria e espontaneidade que traz para minha vida e Josué Bryan pelo seu companheirismo e amor.

À Fabileny e a família Rodrigues que me acolheu com carinho e amor, como uma filha nos momentos difíceis.

Agradeço a orientação e oportunidade que o prof. Gutemberg Armando Diniz na bolsa de pesquisa PIBIC e a Hanna Martins pela parceria na execução da bolsa e tratamento técnico que estão presentes nesta pesquisa.

Aos meus amigos antigos contribuindo e ajudando nos momentos difíceis nesta longa estrada da vida, aos novos amigos que conquistei, e os que encontrei ao longo da graduação.

Obrigada!

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo geral discutir a representação da informação das plantas arquitetônicas *do Centro Agroambiental do Tocantins*, explana sobre conceitos de indexação e material cartográfico, analisa e demonstra a sua importância para o campo de pesquisa. Utilizou-se como metodologia a pesquisa exploratória afim de abordar conceitos, classificação e relevância informacional de materiais cartográficos na área de biblioteconomia nas principais bases de dados da área, e executando um estudo de caso no tratamento técnico e análise representativa das informações nas 23 plantas arquitetônicas do projeto CAT e seu contexto histórico. Por isso a importância o tratamento técnico desse tipo de material não convencional aos bibliotecários, porém de suma importância para que ele seja aproveitado e disseminado ao público afim.

Palavras chaves: Tratamento de material cartográfico. Indexação. Centro Agroambiental do Tocantins.

ABSTRACT

The objective of this research is to discuss the representation of the information of the architectural plants of the Tocantins Agro-environmental Center, explain about indexing concepts and cartographic material, analyze and demonstrate its importance for the field of research. The exploratory research methodology was used to approach concepts, classification and informational relevance of cartographic materials in the area of librarianship in the main data bases of the area, and carrying out a case study in the technical treatment and representative analysis of the information in the 23 architectural plans of the CAT project and its historical context. Therefore the importance of the technical treatment of this type of non-conventional material to librarians, but of great importance for it to be harnessed and disseminated to the affine public.

Key words: Treatment of cartographic material. Indexing. Agro-environmental Center of Tocantins.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	6
2 O CENTRO AGROAMBIENTAL DO TOCANTINS (CAT)	8
2.1 A articulação com a oficina de arquitetura da Universidade Federal do Pará	2
2.1.1 O contexto da criação da Oficina de Arquitetura	13
2.2 Aspectos do projeto arquitetônico.....	14
3 INDEXAÇÃO DE MATERIAL CARTOGRÁFICO.....	16
3.1 A análise de assunto no processo de indexação	19
3.2 Tratamento de materiais cartográficos.....	21
4 METODOLOGIA.....	24
4.1 Estudo de caso.....	24
5 DISCUSSÃO E RESULTADOS.....	26
5.1 Higienização.....	27
5.2 Indexação: leitura documentária, identificação e seleção de conceitos.....	29
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS.....	36
APENDICE A.....	38
ANEXO A.....	39

1 INTRODUÇÃO

O Centro Agroambiental do Tocantins foi construído em Marabá entre 1991 e 1992, como resultado da interação de professores da Universidade Federal do Pará, pesquisadores de instituições de ensino e pesquisa do Estado do Pará, Sindicatos de Trabalhadores Rurais da região e associações afins. A Fundação Agrária do Tocantins Araguaia (FATA) e o Laboratório Sócio-Agrônomo do Araguaia Tocantins (LASAT) eram estruturas que agregavam pesquisadores e sindicalistas cujo objetivo principal era fortalecer e auxiliar a luta dos camponeses e pequenos agricultores diante da marginalização e descaso do governo às suas reivindicações.

O tratamento técnico foi realizado através da bolsa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) com o Título do Projeto de Pesquisa: *Memória do Centro Agroambiental do Tocantins*, sob orientação de *Gutemberg Armando Diniz Guerra*, no Núcleo de Ciências Agrárias e Desenvolvimento Rural (NCADR). O projeto objetivava o tratamento, organização, preservação e disponibilização do material de pesquisa, bibliográfico e documental produzido pelo professor Jean Hébert ao longo de 40 anos de vivência acadêmica na Universidade Federal do Pará, por ele doado e mantido ao Núcleo de Ciências Agrárias e Desenvolvimento Rural (NCADR).

O tratamento técnico e dados levantados das plantas arquitetônicas foram obtidos durante a vigência da bolsa entre o período de 2015-2016, sob supervisão do orientador Gutemberg Armando Diniz Guerra e participação da bolsista PIBIC e graduando em biblioteconomia Hanna Katlen Martins da Silva durante o processo técnico. As plantas do Centro Agroambiental do Tocantins somam o total de 23 exemplares, em geral em bom estado de conservação apesar das condições precárias que outrora se encontravam e devidamente tratadas.

A ausência de bibliografias na área de biblioteconomia e ciência da informação sobre o tratamento técnico e conceito de materiais cartográficos consequentemente dificulta o processo técnico de leitura e análise de termos representativos deste tipo de material, classificado na área de biblioteconomia como multimeios.

O problema de pesquisa centra-se na representação documentária de material cartográfico do Centro Agroambiental do Tocantins-Araguaia.

Diante do exposto, a proposição para esta pesquisa é discutir sobre o tratamento da informação de plantas arquitetônicas

Esta pesquisa documental exploratória tem como objetivo geral *“discutir a representação da informação dos materiais cartográficos do CAT*. Os objetivos específicos são:

- a) Estudar a indexação de materiais cartográficos, mais especificamente caracterizado como planta arquitetônica.
- b) Descrever a criação e desenvolvimento do CAT e da Oficina de Arquitetura da UFPA.
- c) Explorar o tratamento da informação de materiais cartográficos do Centro Agroambiental do Tocantins.

Como metodologia utilizou-se a pesquisa exploratória afim de abordar conceitos, classificação e relevância informacional de materiais cartográficos na área de biblioteconomia, executando um estudo de caso no tratamento técnico nas plantas arquitetônicas do projeto CAT e seu contexto histórico.

No decorrer do texto, no capítulo 2 abordaremos o contexto social e econômico da criação do Centro Agroambiental do Tocantins e suas finalidades, sobre Oficina de Arquitetura que foi responsável por elaborar as plantas arquitetônicas. No capítulo 3 será tratado os conceitos principais sobre indexação, quais processos e ferramentas que o profissional da informação necessita para realiza a indexação de um documento, sobre o tratamento e classificações de material cartográfico. Abordaremos a metodologia aplicada no trabalho no capítulo 4, discussões e resultados no capítulo seguinte.

2 O CENTRO AGROAMBIENTAL DO TOCANTINS (CAT)

Neste capítulo abordaremos um breve contexto social e econômico, a criação do Centro Agroambiental do Tocantins e suas finalidades para a sociedade e por fim a Oficina de Arquitetura que foi responsável por elaborar as plantas arquitetônicas.

O estudo da migração e colonização oficial da Amazônia no final do século XX envolvendo grandes projetos, abertura de rodovias, consequências do descaso, favorecimento, vantagens e valorização de grandes empresas e latifundiários em contraposição à violência e marginalização do trabalhador rural e da agricultura familiar, são os principais temas abordados por Jean Hébette em suas publicações concentradas na coletânea que reúne quase uma centena de artigos (HÉBETTE, 2004).

Com delimitação espacial e temporal definidas em estudos na Belém-Brasília, Rondônia e Transamazônica paraense, pode-se ter uma ideia do esforço de compreensão do pesquisador pela quantidade de mapas, questionários, fotografias, plantas arquitetônicas e literatura que mobilizou em seus estudos.

O impacto de abertura da estrada Belém-Brasília foi seguido pelo da implantação da Rodovia Transamazônica sob o argumento de ofertar “terra sem homens para homens sem-terra”, atingindo diversos municípios dos estados brasileiros, em particular da região norte, transformando a vida, cultura e expectativa de milhares de migrantes.

As frustrações dessa população captadas em trajetória acadêmica cerca de três décadas de pesquisa se traduzem nas palavras de Jean Hébette (2004, p. 23): “na aparência de um aceno amigo, um abraço traiçoeiro. Atrás da promessa de dias melhores e de juramentos de prosperidade futura (integrar para não entregar), a ameaça da destruição ambiental, da desintegração social e cultural”.

Hébette (2004) comenta sobre algumas características dos migrantes que vinham em busca de oportunidade e um pedaço de terra para se estabelecer na colonização ao longo da estrada Belém-Brasília e condições precárias de viagem.

[...] mas a aventura dos imigrantes pobres, homens e mulheres, que, com crianças e bebês, desembarcam nas precárias estações rodoviárias ao longo da estrada Belém-Brasília com seu patrimônio: carregados de malas e embrulhos, de panelas, de colchões velhos, de alguma ferramenta, em busca de terra para morar e plantar em família (HÉBETTE, 2004, p.11).

Entrevistas foram realizadas com os professores Raul Silva Navegantes¹ (Professor e Diretor do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos da Universidade Federal do Pará, em 1991) e Cicerino Cabral² (professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Pará, responsável pela Oficina Modelo de Arquitetura e pelo Projeto Arquitetônico do CAT) objetivando coletar dados e informações acerca da criação e desenvolvimento do CAT, contidas no anexo B da monografia a transcrição.

Em entrevista, o professor Navegantes (2016) reafirma: [...] *Vindos em pau-de-arara ou em caminhões fretados por atravessadores que cobravam a mais, explorados de toda forma, eles vinham e começaram a se localizar na grande região de Marabá.*

Era neste contexto de colonização e estudo dos migrantes, trabalhadores rurais que se deu a ideia de desenvolver um projeto que fizesse além de pesquisas, ações que alcançassem essa população.

A população migrante sofria e ansiava pela terra, pela moradia, pela alimentação, pela sobrevivência, enfrentando a fome, a miséria e os grandes proprietários de terras daquela região. Lutavam pela sua cultura, se adaptando ao novo clima e aos cultivos nativos. Esta população era marginalizada, desassistida pelo governo, explorada pelos comerciantes e atravessadores de mercadorias, explorada por seu trabalho braçal barato e por sua produção de lavoura e frutas que vendiam ou trocavam por valores aviltados.

As populações migrantes constituídas em parte por trabalhadores rurais foram alvo da inquietação de Jean Hébert que se traduzia no sentido de passar da pesquisa para ações de desenvolvimento traduzidas formal e conceitualmente como extensão e dessa forma colaborar, de forma concreta, como afirma Navegantes (2016): *“Ele tinha essa vontade de passar da pesquisa para a extensão e através da extensão ajudar esses migrantes. Ele fazia aqui a maturação do projeto que levou alguns anos, portanto pra ser desenvolvido até que se chegou à conclusão - para abreviar a história - de que nós iríamos, sim, fazer um projeto de extensão em que se valorizasse o saber dessas pessoas que são marginalizadas, inclusive no seu saber.”*

¹ Raul da Silva Navegantes. Entrevista a Tayza Marçal Stefanie da Silva e Hanna Katlen Martins da Silva, em Belém no dia 21 de março de 2016.

² Cicerino Cabral. Entrevista a Tayza Sefanie Marçal da Silva e Hanna Katlen Martins Silva, em Belém, dia 15 de março de 2016.

Com a vivência naquela região em suas pesquisas, Jean Hébertte teve a oportunidade de fazer amizades e laços com pessoas e lideranças dos movimentos sindicais, o movimento Eclesial de Base da Igreja Católica, tendo uma lista de contatos que posteriormente lhe auxiliariam no futuro projeto. Jean Hébertte dedicou muito esforço e determinação em auxiliar as organizações de agricultores familiares através da criação do CAT. Cabral (2016) em entrevista corrobora: *“O Jean Hébertte foi a figura idealizadora e a única pessoa que esteve à frente de tudo, que coordenou tudo com o apoio do Raul.”*

Conforme identificado no acervo, o Centro Agro-ambiental do Tocantins é uma marca de seu trabalho na região, do qual estava à frente junto com os colaboradores, entidades de fomento e financiamento.

Este era o contexto de criação do CAT (Centro Agroambiental do Tocantins). Os textos de Jean Hébertte ajudaram muito a entender a dinâmica do movimento sindical na região de Marabá, bem como a construir e problematizar os diversos processos que envolveram a criação e o desenrolar do Programa CAT, no qual o próprio autor foi um dos principais mentores (ALMEIDA, 2011, p. 11).

A realização do CAT enquanto programa de pesquisa, formação e desenvolvimento contou com o apoio de instituições brasileiras e estrangeiras como o Grupo de Pesquisa e Intercâmbios Tecnológicos (GRET – França), o Comitê Católico Contra a Fome e Pelo Desenvolvimento (CCFD – França), a Christian Aid e a Agencia de desenvolvimento ultramarino (ODA - Inglaterra), a embaixada do Canadá, a Universidade Federal do Pará, o Conselho Nacional de Pesquisa Científica (CNPQ), a Comissão Pastoral da Terra, os Sindicatos dos Trabalhadores Rurais (STR's) dos municípios de Itupiranga, Jacundá, Marabá e São João do Araguaia além de outros que formaram a rede em que foi possível o Programa CAT ser elaborado e realizado.

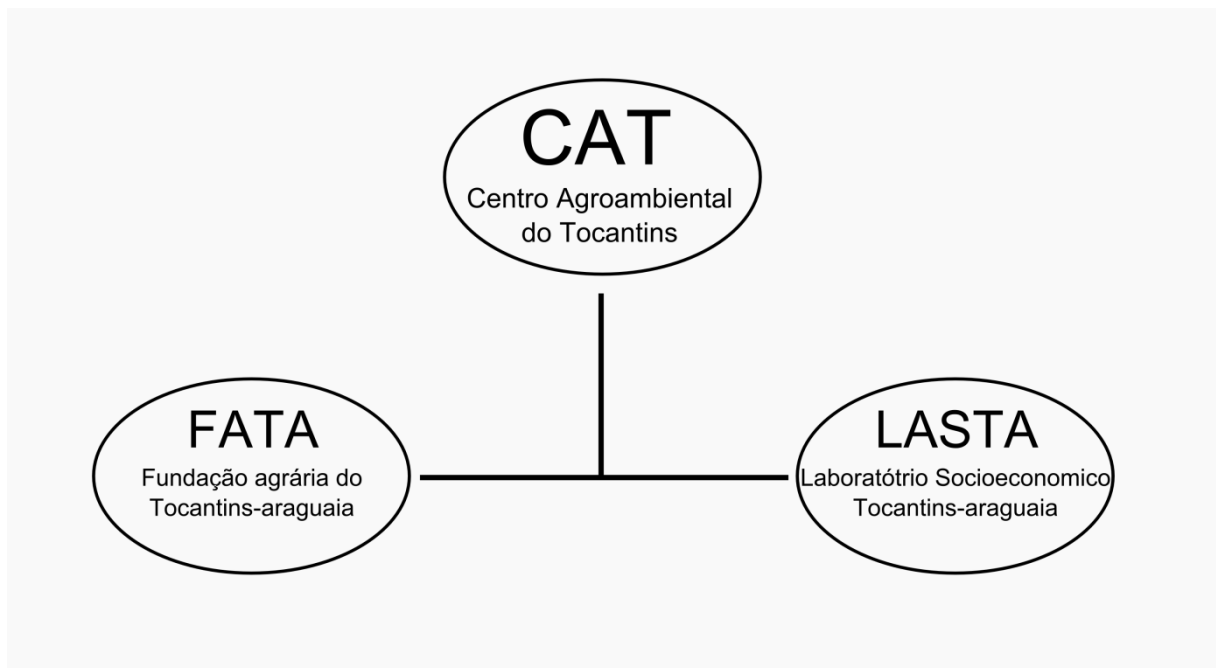
Dentre as várias discussões se começou a tecer ideias de como fazer para sensibilizar e articular profissionais das áreas de ensino e pesquisa com pessoas, famílias que eram alvo de suas preocupações. Qual modelo possível de coexistência entre a Universidade e os trabalhadores rurais daquela região? Que mecanismo e estrutura para tal programa? Como articular de maneira eficiente com os trabalhadores rurais?

A solução se deu justamente nos questionamentos e reuniões, como é afirmado por Navegantes (2016): *“dessas discussões todas se chegou ao modelo de*

trabalhar da universidade com os agricultores, que não fosse um modelo impositivo, em que um saber fosse preponderante sobre o outro. Mas então, o que nós queríamos ter é uma forma que eles pudessem ser protagonistas do projeto. Imaginamos duas instâncias que seria uma da universidade e outra dos camponeses.”

O Centro Agroambiental do Tocantins (CAT) foi composto originalmente por duas vertentes: a Fundação Agrária do Tocantins-Araguaia (FATA) e o Laboratório Sócio-agronômico do Tocantins-Araguaia (LASAT), criados no mesmo período. A FATA era onde as lideranças dos trabalhadores rurais se reuniam para discutir e se organizar. O LASAT era o fórum em que os pesquisadores da Universidade desenvolviam suas pesquisas, voltados para as necessidades dos trabalhadores e região.

Organograma 1 – Funcionamento do CAT.



Fonte: Elaboração da autora, 2017.

Neste esquema se pode visualizar a interação da composição do CAT, a interdependência de funcionamento e finalidades que convergiam para um resultado favorável ao objetivo do projeto de pesquisa, ensino e extensão aos trabalhadores daquela região, fortalecendo a agricultura familiar e otimizando a forma do trabalho rural.

A seguir, uma breve descrição da origem da Oficina de Arquitetura da UFPA

2.1 A articulação com a oficina de arquitetura da Universidade Federal do Pará

Nesta subsecção expõe-se a origem da ideia, articulação institucional e processo de criação e composição da Oficina de Arquitetura da UFPA que foi responsável por elaborar as plantas para a construção do CAT.

Jean Hébette esteve envolvido com as lutas políticas do Brasil durante e pós-ditadura, pela redemocratização. As questões sociais, principalmente aquelas que envolviam a minoria como os pequenos agricultores, eram cheias de tensão e causavam disputas entre os grandes produtores e os trabalhadores rurais. Nesse contexto Jean Hébette fundou o Centro Agroambiental do Tocantins (CAT) com sede no município de Marabá (PA), com o objetivo de apoiar os pequenos agricultores na sua produção e comercialização imediata dos produtos, tanto quanto na construção e fortalecimento de um projeto de desenvolvimento em que estivessem à altura dos atores sociais envolvidos neste processo.

Com a ideia contextualizada do CAT era necessário buscar parcerias para que este projeto se consolidasse. Jean Hébette com o intermédio de Raul Navegantes naquele tempo diretor do NAEA (Núcleo de Altos Estudos Amazônicos) procurou Cicerino Cabral, professor e chefe do Departamento de Projetos da Faculdade de Arquitetura, para que projetasse a estrutura física do CAT.

Os professores Cicerino Cabral e Cláudio Cativo, montaram um atelier com alunos de arquitetura para participar da execução do projeto, criando o Escritório Modelo de Arquitetura. Para manter o Escritório Modelo foi necessário comprar pranchetas e materiais para dar início às etapas de criação da estrutura física do CAT.

O projeto foi apoiado pelo pró-reitor de extensão da Universidade Federal do Pará. O professor Cicerino Cabral elaborou um projeto na área de climatologia urbana para trabalhar com alunos, o que ele chamou de Oficina de Arquitetura, e os alunos desta executariam os projetos do Escritório Modelo.

Determinada a área de construção do complexo arquitetônico começou um estudo de como se apropriar do ambiente de forma positiva para o projeto. Chegou-se à conclusão de que a arquitetura de proteção, utilizando o sombreamento das árvores seria o menos agressivo para a floresta e também proporcionaria um conforto para aqueles que fossem utilizar aquele espaço. Os alunos iniciaram a criação das

plantas de cada prédio, desenharam e pintaram as pranchetas com o material que tinham disponível, sob a supervisão do professor Cicerino Cabral.

2.1.1 O contexto da criação da Oficina de Arquitetura

O Programa do CAT se instalou em Marabá em 1988, onde fora adquirido um terreno de 80 hectares, em que se deveria construir uma estrutura de convivência entre agricultores e pesquisadores. Os professores Jean Hébert e Raul Navegantes, entraram em contato com Cicerino Cabral, chefe do Departamento, e o professor Cláudio Cativo, ambos professores da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Pará, explicando-lhes o projeto e lhes propondo uma colaboração em relação à construção de um complexo arquitetônico para apoiar as atividades do programa.

A maneira como se deu esta colaboração foi através da execução de um projeto de extensão com a participação de estudantes do Curso de Arquitetura, trazendo-lhes a possibilidade de experiência a baixo custo, para todos os interessados, para elaboração do projeto arquitetônico. Aprovado o projeto de extensão, houve o recrutamento de 8 estudantes, foi escolhido um local para trabalho e adquiriram-se materiais específicos para execução do projeto. Escritório Modelo de Arquitetura foi o nome dado ao local de execução do projeto.

Após esta etapa, o professor Cicerino Cabral discutiu com os alunos a respeito do conceito do projeto, do que se tratava e visitaram o local de construção para análise e desenvolvimento do projeto arquitetônico.

Em entrevista, (Cabral, 2016) descreve o local previsto para a construção: “[...] *Área interessante porque a gente pegava a Transamazônica e entrava. Depois de passar nos campos de plantação experimental, a gente chegava na beira do Itacaiunas, de onde a gente estava para fazer o CAT. O Itacaiunas ficava a 70 metros abaixo, o nível que ele estava. Floresta densa, solo firme, mas não tão regular, isso foi o sitio que nos deram para trabalhar. Determinaram a área e tal, e aí fomos construir nos apropriando do próprio ambiente, usando isso positivamente*”.

A arquitetura projetada para o CAT após a análise do local e o tipo de público e estrutura, visava o aproveitamento do ambiente e uma estrutura harmônica com a natureza ali presente. Era um projeto arquitetônico no qual o ambiente natural (vento, luz, temperatura) era considerado. Cada aluno ficou responsável pelo

desenvolvimento do projeto de uma edificação, interligados entre si, com os mesmos materiais e linguagem arquitetônica, somando 8 prédios no total.

Os professores Cicerino Cabral e Cláudio Cativo, orientavam o desenvolvimento do trabalho e dos alunos. Em madeira, utilizando tijolos vazados, painéis de vidro, a luz natural, aberturas para aproveitamento do vento, jardins, árvores nativas ou exóticas já existentes no local, a composição visava criar um ambiente agradável e o mais natural possível, tentando aproximar-se do cotidiano dos trabalhadores rurais.

2.2 Aspectos do projeto arquitetônico

Um projeto arquitetônico com as características do Centro Agroambiental do Tocantins (CAT) foi um diferencial no meio acadêmico do curso de arquitetura, pois não era o tipo de projeto voltado para o mercado de trabalho dominante, por ser do tipo bioclimático (que utilizaria os recursos naturais e causaria menos danos ao meio ambiente) e do tipo de material que foi feito (madeira), além de ter sido cautelosamente elaborado conforme o público (os trabalhadores rurais e pesquisadores), adaptando a melhor forma levando em consideração o contexto, material e mão de obra a ser utilizado.

O projeto precisou de muita dedicação e esforço dos alunos do curso de arquitetura e orientação do professor Cicerino Cabral. O projeto tinha alma, no que concerne ao trabalho, voltado para apoiar o trabalhador rural, fora do mercado, em que a maior parte dos projetos de arquitetura eram voltados para os escritórios particulares, nos moldes do mercado empresarial urbano.

Além da experiência profissional com este tipo de arquitetura, os alunos tiveram contato com a parte social do CAT, pois precisavam saber do que se tratava e fazer a construção segundo o contexto. Boa parte da mão de obra e material utilizado na construção foi local, ou seja, as pessoas se beneficiaram desde a construção do Centro, conforme Cabral (2016): *“A pessoa que tomou conta da obra toda foi o mestre de obras Carlos, e o Carlos foi a chave para isso, e como ele conhecia vários aspectos da obra não foi preciso colocar empresas lá dentro, e eles pegaram a mão de obra local para fazer isso”*.

O CAT desde o princípio foi uma ideia inovadora que por sua perspectiva imediata de apoiar o pequeno agricultor a comercializar seus produtos sem a

intermediação dos atravessadores, e acabou por tornar-se um motivador de esperança. Em longo prazo, previa uma colaboração efetiva de universitários com sindicalistas camponeses, criando uma interseção entre o campo político sindical e o da pesquisa científica.

Por toda a força que o CAT inspirava, atraiu pessoas que concordavam com essa linha de pensamento e buscaram meios de colaborar com o projeto para que ele se concretizasse, e contribuísse para a melhoria das condições de vida dos moradores da região Sudeste Paraense.

A Oficina de arquitetura proporcionou aos alunos a experiência de trabalhar com um projeto social diretamente ligado ao interesse de um campesinato que disputava politicamente a construção de políticas públicas que lhe permitissem acessar a produção de conhecimentos científicos adaptados às condições da produção familiar e ao bioma amazônico. A dedicação desses alunos resultou em um trabalho importante para a criação da estrutura física do CAT.

As plantas arquitetônicas da estrutura física do Centro Agroambiental do Tocantins se constituem em um patrimônio cartográfico arquitetônico de importância tanto para a história como para a identidade cultural da região amazônica. Para os arquitetos, é um material a ser consultado para a reflexão sobre as demandas regionais neste campo da ciência aplicada.

No próximo capítulo as definições e conceitos aplicados ao processo de indexação e sua importância para a representatividade e recuperação da informação serão apresentados.

3 INDEXAÇÃO DE MATERIAL CARTOGRÁFICO

Neste capítulo será abordado os conceitos principais sobre indexação, quais processos e ferramentas que o profissional da informação necessita para realiza a indexação de um documento.

A Indexação, decerto, é a parte mais importante da análise documental, pois é ela que agrega valor a todo o sistema de organização documental, estando diretamente relacionada à qualidade da recuperação das informações (CHAUMIER, 1988).

Mas então, o que seria indexação? A definição mais sucinta é a proposta pela UNISIST (1975 apud CHAUMIER, 1988, p. 63) de que indexação é a “operação que consiste em escrever e caracterizar um documento, com o auxílio da representação dos conceitos nela contidos”.

Em consonância com a definição anterior, Maimone, Kobashi e Mota (2016, p. 75) consideram que a indexação é um “conjunto de ações [...] por meio da ‘atribuição’ de termos” no intuito de identificar e descrever conteúdo de um documento.

Nestes dois trabalhos, essa caracterização e representação da informação, evidentemente, são feitas através de terminologias específicas, de acordo com a necessidade e a disponibilidade de outros instrumentos de representação. Para tanto, a NBR 12676 (1992, p. 2) estabelece que a indexação é o ato de identificar e descrever o conteúdo documentário através de termos que tanto representam seu(s) assunto(s) quanto os mesmos possam vir a constituir uma linguagem documentária (linguagem de indexação).

Para fazer a devida representação dos conteúdos desses documentos, os mesmos podem ser dispostos através de textos resumidos (resumos) ou por apenas palavras (termos), para que os assuntos possam ser recuperados quando necessários (LANCASTER, 2004).

Como todo processo ou atividade humana, a Indexação comporta distintas etapas. A partir do que foi averiguado na literatura pertinente ao assunto, os autores divergem entre si sobre quantas são essas etapas, qual a natureza de cada uma delas e qual o grau de infusão e/ou concomitância das mesmas.

Para van Slype (1977 apud CHAUMIER, 1988, p. 64), por exemplo, a atividade de indexação é composta por quatro etapas:

- a) **Conhecimento do conteúdo do documento:** uma leitura rápida, porém precisa, nas partes mais informativas: títulos, introduções, conclusões, gráficos e outras informações imagéticas;
- b) **Escolha dos conceitos:** que se baseia, ou na representação de conceitos de restrito querer informacional do usuário (*seletividade*), ou na abrangência de todos os conceitos válidos ou úteis (*exaustividade*);
- c) **Tradução dos conceitos selecionados:** feito com base na linguagem documentária de um *thesaurus*.
- d) **Incorporação dos elementos sintáticos:** Avaliação, a partir dos descritores selecionados, os mais adequados para o conjunto documental.

A NBR 12676 (1992, p.2), entretanto, estabelece que a indexação é composta de três etapas, sendo semelhantes as três primeiras propostas por van Slype (1977 apud CHAUMIER, 1988) São elas:

- a) Exame do documento e estabelecimento do assunto de seu conteúdo;
- b) Identificação dos conceitos presentes no assunto;
- c) Tradução desses conceitos nos termos de uma linguagem de indexação.

Em contrapartida, apesar de Lancaster (2006) também definir que a indexação é dividida em etapas, o autor considera apenas a existência de duas:

- a) **Análise conceitual:** que basicamente corresponde a primeira e segunda etapa proposto por van Slype (1977 apud CHAUMIER, 1988);
- b) **Tradução:** que corresponde a terceira e quarta proposta pelo mesmo autor.

Semelhante concepção é feita por Dias e Naves (2013, p. 18) que dissertam a respeito da Indexação acadêmica, na qual também compreende duas etapas distintas:

- a) “Extração de conceitos que possam representar o assunto de um documento
- b) e a tradução destes para termos de instrumentos de indexação ou linguagens documentárias.”

Quadro 1 – Indexação: etapas e infusão

van Slype (1977 apud CHAUMIER, 1988)	NBR 12676 (1992)	Lancaster (2006)
Conhecimento do conteúdo do documento	Exame do documento e estabelecimento do assunto de seu conteúdo	Análise conceitual
Escolha dos conceitos	Identificação dos conceitos presentes no assunto	
Tradução dos conceitos selecionados	Tradução desses conceitos nos termos de uma linguagem de indexação	Tradução
Incorporação dos elementos sintáticos		

Fonte: Elaborado pela autora.

O **quadro 1** mostra como a literatura a respeito da indexação, mesmo pela profusão das ideias de como são percorridas as etapas, acabam por convergirem em poucas ou, como indica Frohmann (1990 apud DIAS; NAVES, 2013. p. 18), podem ser tomadas como etapas simultâneas.

Embora os autores possam vir a divergir na quantidade exata de etapas e qual a real natureza e função entre cada uma delas, a essencialidade do processo de indexação pode ser minimamente cotada, a partir da compreensão de Maimone, Kobashi e Mota (2016, p. 76), como uma atividade de “análise, síntese e representação” [da informação].

O que é mais importante de se notar é que, em suma, é possível compreender resumidamente que o processo de indexação pode ser encarado como uma etapa para análise do conteúdo existente no documento (Análise Conceitual), outra para a adaptação da terminologia necessária para representa-lo (Tradução).

Com relação ao primeiro processo, guardadas as devidas preposições apresentadas de todos os trabalhos supracitados (CHAUMIER, 1988; ABNT, 1992; LANCASTER, 2006; DIAS; NAVES, 2013); ele está diretamente relacionado (e até se assemelha) ao que pode ser compreendido como a **Análise de Assunto**, que trata da compreensão e extração da essencialidade e da temática do documento. Isto será melhor explicado na subsecção a seguir para que possa ser melhor aprofundada as análises conceituais específicas.

3.1 A análise de assunto no processo de indexação

Segundo Dias e Naves (2013), a análise de assunto é a extração dos conceitos do documento, para fim de elucidar a real essência do seu conteúdo. Apesar de julgar-se uma etapa separada da indexação, ela também pode ser compreendida como parte integrante geral do processo de indexação. Isto é percebido quando a NBR 12676 (1992, p. 2) ao falar dos três estágios que possui o processo de indexação, refere que os mesmos “tendem a se sobrepor”. São eles:

- a) Análise do Documento
- b) Identificação dos Conceitos
- c) Seleção de termos de indexação

Compreende-se didaticamente, portanto, que a análise de assunto pode ser dividida em três etapas: Leitura documentária; Identificação de conceitos e Seleção de conceitos.

a) Leitura documentária

É a etapa de compreensão geral do texto do documento. É, de acordo com Maimone, Kobashi e Mota (2016, p. 76), a primeira “variável” que influencia diretamente na “qualidade da indexação”. Também conhecida como “leitura do indexador”, Dias e Naves (2013, p. 41) pontuam que esse tipo característico de leitura não objetiva lazer ou aprendizagem – nem mesmo prazerosa é.

Ela deve, de acordo com Lancaster (2006) se ater especialmente para partes importantes do documento e que, como prega a NBR 12676 (1992, p. 2), possa abranger todas as informações.

- ✓ Títulos;
- ✓ Resumos
- ✓ Introdução;
- ✓ Ilustrações como tabelas, diagrama e suas legendas;
- ✓ Palavras ou grupos de palavras com algum destaque;
- ✓ Conclusões.

b) Identificação dos Conceitos

Segundo a NBR 12676 (1992, p. 3), é a abordagem sistemática da identificação de entes essenciais para a descrição do(s) assunto(s). De modo ordenado para ilustrar sua importância no processo, estes aspectos gerais podem ser listados como:

- ✓ O assunto
- ✓ A(s) Teoria(s)
- ✓ Os processos
- ✓ O contexto
- ✓ As variáveis
- ✓ As correlações

c) Seleção de conceitos

A Seleção de conceitos diz respeito à “tradução” dos conceitos identificados na leitura, para termos reservados num vocabulário controlado (linguagem de indexação). Dias e Naves (2013, p. 13) afirmam que no tratamento temático da informação, a necessidade é dessas linguagens de indexação; “instrumentos que fornecerão os termos padronizados para representar o assunto identificado nos documentos analisados”.

As práticas comuns adotáveis são, ainda de acordo com a NBR 12676 (1992, p. 3):

- a) Utilização de descritores plausíveis, existentes no vocabulário controlado utilizado;
- b) Utilizar instrumentos de referências (dicionário/enciclopédias especializadas, tesaurus padrões ISO 2788, tabelas de classificação), caso haja termos que representem novos conceitos.

Segundo Dias e Naves (2013, p. 13) os principais tipos de linguagens documentárias que existem são as listas de cabeçalhos de assuntos e os thesaurus.

A seguir conceituação e classificação de materiais cartográficos, sua importância informacional e o desafio do bibliotecário ao tratar este tipo de material especial – multimeios.

3.2 Tratamento de materiais cartográficos

Desde a antiguidade o homem possui o interesse de tentar representar os espaços geográficos, como caminhos, estradas, fronteiras, passagens de rios, para facilitar a localização entre outros objetivos.

Tal representação terrestre, tem desenvolvido novas técnicas e tecnologias geográficas se tornando precisa e detalhada em seu conteúdo informacional e representativo. Dentro do material cartográfico, podemos classifica-los em algumas categorias dependendo de suas características padronizadas, tais como globo, carta e planta.

Podemos afirmar que o material cartográfico é um importante instrumento informacional, podendo armazenar informações geográficas (aspectos naturais) e/ou políticos, sociais e culturais. “A cartografia, enquanto meio de representação gráfica espacial de objetos fenômenos de ordem física e social, contribui para o conhecimento dos materiais cartográfico em todas as suas especificidades.” (CASTRO, 2014, p. 10)

É um instrumento de transmissão de conhecimento gráfico, com uma linguagem dinâmica e interpretativa, capaz de desenvolver novas perspectivas, compreensão e análise sobre o que está sendo representado, ressalta a autora “por isso, é necessário salientar sua importância bem como seu significado” Pinto (2014, p. 18)

É uma ferramenta para se utilizar em pesquisas de campo e como suporte informacional para compreender como ocorre o desenvolvimento econômico, como enfatizado Pinto (2014a, p. 18) “os mapas estão cada vez mais presentes nos mais variados trabalhos e em diversas áreas do conhecimento”, seja na área de geociências ou como no presente trabalho, na arquitetura.

A partir daqui, é necessário definir corretamente quais são os tipos de representações cartográficas gerais e quais as especificidades, são muitas as variações terminológicas acerca de materiais cartográficos, como comenta a autora:

Tratado genericamente na biblioteconomia até os dias de hoje como outros materiais, material especiais, materiais não bibliográficos, ou multimeios, os materiais cartográficos são mesmo tempo instrumentos de trabalho e produtos de pesquisas e fontes essenciais de informação para profissionais pesquisadores. (CASTRO, 2014, p.10)

Conceituando os materiais cartográficos como multimeios de acordo com Izawa (2011, p. 35 apud Pazin, 88)

São consideradas multimeios todos os materiais não bibliográficos, que fornece alguma informação e aqueles diferentes dos convencionais tais como mapas, dispositivos revestimento, filmes jogos, e etc. São materiais de pouco uso frequente em relação aos livros de periódicos, mas são importantes fontes de informação.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (1998) define dois tipos de representação cartográfica. São as representações por **imagem** e **por traço**.³ As **por imagem** são basicamente compostas por fotografias aéreas ou via satélite que, por composição e montagem mosaica de imagens dos quadrantes adjacentes, tem a finalidade de registrar as áreas, os relevos e afins para uma representação e tratamento cartográfico.

Dentre as representações cartográficas **por traço**, o IBGE (1988) destaca quatro. São elas:

- a) **Globo**: representação sob uma superfície esférica, de pequena escala, de um corpo planetário, para fins lúdicos e ilustrativos
- b) **Mapa**: Representação plana de uma superfície, de pequena escala, dos aspectos, físicos e políticos de uma região planetária (do globo)
- c) **Carta**: Representação plana de uma superfície, de escala média ou grande, dos aspectos, físicos e políticos de uma região do planeta, de folhas delimitadas por *paralelos* e *meridianos*, para a possibilidade de detalhada pesquisa, com precisão compatível com a *escala*.

³ Não fica claro o que significa “por traço” na literatura consultada. Presume-se que sejam as representações cartográficas não-fotográficas, elaboradas através de desenho técnico feito por profissionais cartógrafos, ou através de programas de computador que tenha a mesma finalidade. Antes do avanço do design e da computação gráfica, as representações de mapas, plantas e outros desenhos cartográficos eram feitas manualmente.

- d) **Planta:** representação plana em grande escala, e área restritiva, ou seja, que possibilita uma noção muito mais detalhada a área a ser representada, e que, pode-se considerar sua escala constante.

Neste trabalho especificamente o tipo de material cartográfico tratado foi as plantas arquitetônicas, como definido acima. Como a planta arquitetônica se trata de um material especial, o estudo acerca do tratamento e *leitura documentária* dessas plantas, a partir de quais elementos pode-se obter informações técnicas que possibilitassem o registro e recuperação das informações relevantes ao usuário. Comenta a autora acerca da indexação de matérias cartográficos Castro (2014, p.11) “A leitura técnica desse tipo de material exige conhecimento prévio do indexador e o de emprego de estratégias adequadas que cada mapa, planta e carta exige para ser lido”.

Segundo NBR 12676 (1992, p. 1), documento é qualquer unidade, impressa ou não, que seja passível de tratamento documentário”, independente da sua natureza e tipologia, que pode incluir materiais convencionais como livros e periódicos como diagramas, mapas e outros materiais cartográficos.

O primeiro passo que se deve tomar é identificar o tipo de suporte e material que será tratado; se é em suporte físico (impresso em papel) ou digital, e qual a natureza desse tipo de documento cartográfico (mapas, cartas ou plantas).

Nesses casos, o bibliotecário, saindo de sua rotina convencional de tratamento da informação em materiais comuns (livros, periódicos, monografias, etc.), encontra-se num desafio de outros materiais dos quais não está familiarizado e, portanto, necessitar de uma “atualização” para aprender sobre esses tipos documentais; para ter uma base de conhecimento acerca da área ou tema, com o auxílio de thesaurus, cabeçalhos de assuntos entre outras ferramentas.

Diante desta situação, afirma Caribé (1987, p. 318), que muitas das vezes o bibliotecário é “incumbido de organizar esses materiais de forma que possam ser utilizados de forma eficiente, rápida e compreensível”.

Nesta pesquisa, o material cartográfico classificado é do tipo planta arquitetônica. No próximo capítulo será apresentada a metodologia utilizada no tratamento técnico das plantas arquitetônicas do CAT.

4 METODOLOGIA

Este capítulo trata sobre a metodologia de pesquisa aplicada no desenvolvimento prático e teórico do trabalho.

Esta pesquisa tem abordagem científica de cunho exploratório, justificada pela ausência de produção científica com este assunto específico e tendo sido realizada a prática de tratamento técnico neste tipo de material.

Objetivando estudar, vislumbrar e apresentar aspectos de um tema e/ou assunto, tendo em vista que é ainda pouco conhecido ou abordado por uma determinada área de conhecimento. Conceituando o autor Gil (2010, p. 27 apud Castro, 2014, p. 15) “As pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver esclarecer modificar conceitos ideias tem de vista formulação de problemas mais preciso as hipóteses pesquisadas para estudos posteriores.”

A pesquisa está dividida em duas etapas a primeira etapa consiste na pesquisa bibliográfica e o levantamento sobre a indexação que incluem o tratamento de material cartográfico e na segunda etapa será feito o estudo de caso nas plantas arquitetônicas do Centro Agroambiental do Tocantins e seu contexto histórico, enfatizando a importância do material como fonte de informação.

4.1 Estudo de caso

As análises dos dados foram realizadas de forma qualitativa a partir de dados coletados com o tratamento técnico nas plantas arquitetônicas do CAT.

O tratamento técnico das plantas arquitetônicas do CAT realizado através do projeto de pesquisa “Memória do Centro Agroambiental do Tocantins” no qual eu era bolsista pelo PIBIC, tendo como orientador Gutemberg Armando Diniz Guerra. Ele também orientava outra bolsista, Hanna Katlen Martins Silva e para melhores resultados trabalhamos em dupla uma auxiliando e contribuindo no tratamento técnico da outra e vice-versa, pois o orientador de ambos projetos era o mesmo.

Primeira captação do material a ser tratado, verificando como o armazenamento influenciou na conservação do material, seguindo-se o processo de higienização, e o contexto sobre o projeto arquitetônico das plantas a serem tratadas. Pesquisa sobre conceituação, classificação e método de tratamento de material

cartográfico na área de biblioteconomia e afins, posteriormente a leitura técnica das informações contidas nas plantas arquitetônicas possibilitando selecionar os termos para a indexação, etapas executadas durante o tratamento das plantas.

A análise das informações das plantas arquitetônicas e registros foram realizados durante a vigência da bolsa (2015-2016) anteriormente mencionada.

5 DISCUSSÃO E RESULTADOS

As plantas arquitetônicas do Centro Agroambiental do Tocantins (CAT) estavam armazenadas algumas em tubos de papelão outras enroladas direto dentro de um balde, inicialmente foi avaliado o estado em que se encontravam e estudado o melhor tratamento a ser feito.

O tratamento técnico das plantas arquitetônicas se deu por meio da identificação do tipo de material a ser tratado neste caso, como definido no capítulo 3, em que as características e classificações de materiais cartográficos foram abordados no qual inclui as plantas arquitetônicas. Após a definição do tipo de material a ser tratado deu-se prosseguimento ao tratamento. As plantas arquitetônicas se encontravam em situação precária de armazenamento e foi necessário a realização de limpeza mecânica em cada uma delas.

Pelo estado que foram armazenadas as plantas arquitetônicas algumas apresentaram marcas de dobra com fitas adesivas, clips enferrujados e o tamanho de algumas chegando a medir 1 metro e 50 de largura. A limpeza foi realizada planta por planta na frente e costa, e por fim cobrindo as com papel de seda para proteger o material.

O processo de tratamento técnico seguiu-se. O segundo processo consistiu na identificação das informações contidas nas plantas arquitetônicas. A priori as informações técnicas das 23 plantas arquitetônicas foram preenchidas segundo o modelo de ficha fornecido pelo arquivo central então os dados de cada planta arquitetônica foi descrito em fichas de forma manuscrita e posteriormente digitadas e resumida (com os dados como título, informações adicionais e nome do projeto), para facilitar a leitura dos dados.

A localização das informações principais contidas nas plantas arquitetônicas que podemos utilizar no processo de indexação foi de extrema importância assim como a pesquisa em artigos, livros, manuais online (*manual do IBGE, artigos, monografias, dissertações e teses*) do tipo de documento, quais informações eram mais relevantes no caso das plantas arquitetônicas.

5.1 Higienização

Do total das 23 plantas arquitetônicas encontradas, apenas quatro (que estavam com grandes furos e rasgos) receberam pequenos reparos e reforço do suporte com papel especial e foram separadas para o processo de restauração. Todo o tratamento foi feito com o objetivo de otimizar a conservação das plantas arquitetônicas do CAT, assim como potencializar a recuperação das informações contidas nos documentos.

O conservador é um dos agentes preservadores do patrimônio cultural e, assim, deve refletir sobre todo o processo de realização de um tratamento de conservação que inclua não apenas os procedimentos técnicos, mas a filosofia subjacente a eles, considerando suposições e juízos de valor inerentes ao objeto e que possam contribuir para a tomada de decisão durante o processo. (SANTOS, GONÇALVES; BOJANOSKI, 2014, p. 362).

Como o material se encontrava em estado precário de conservação, armazenado em local inapropriado, com sujeiras diversas, a primeira etapa executada foi a de higienização (processo que visa a eliminação de sujeiras extrínsecas a obra) e proteção prévia dos mapas com papel de seda contra agentes químicos, poeira e fuligem). Como definido por Ogden, 2001 (apud Izawa, 2011, p.43) para ele a higienização “é o processo de limpeza dos documentos para retirada de poeira, fungos e certas correntes agentes químicos e objetos que não fazem parte da obra e desacidificação para que possam ser guardadas com segurança.”

Pelo tamanho e estado de alguns exemplares que correspondiam aproximadamente a um metro e meio de altura por um de largura, ressecamento, dobras antigas e desordenadas e pela fragilidade do material, dedicou-se tempo e cautela a esta etapa do tratamento.

Para tal processo ocorrer foi elaborada uma lista com a solicitação e compra de materiais de limpeza e proteção pessoal como:

- ✓ Luvas
- ✓ Máscara
- ✓ Óculos de proteção
- ✓ Jalecos
- ✓ Pincel

- ✓ Álcool em gel e etílico
- ✓ Papel de seda
- ✓ Flanelas

As plantas foram limpas uma a uma e, para tal procedimento, utilizou-se pincel e posteriormente flanelas, que percorria toda a extensão da planta para retirada de todos os resquícios de poeira e fuligem.

Transposto da sala em que estavam acondicionados originalmente em um balde plástico cobertos com um plástico negro. Alguns estavam em embalagens apropriadas e outros sem proteção (**Figura 1**), todos foram levados para uma sala com mesas grandes e reunidos para dar possibilidade de manuseio sobre uma grande superfície.

Figura 1 – Material cartográfico não tratado



Foto: Tayza Marçal, 2015

Primeiro as plantas foram abertas sobre a mesa e apoiadas com pesos em cada extremidade a fim de facilitar a limpeza com os pinceis (sujeiras superficiais) e finalizando com as flanelas (extrair o excesso de poeira). Após a higienização, cada planta foi devidamente protegida com papel de seda e enrolados. Repetindo este processo em cada planta.

Utilizando equipamentos de proteção individual (máscaras, luvas e avental) e equipamentos recomendados, foi efetuada a higienização, conforme ilustra a **abaixo**

Figura 2 – Bolsista executando o processo de higienização no material



Foto: Tayza Marçal, 2015

A higienização foi o processo de extrema importância para o tratamento das plantas, que demandou um trabalho detalhado e demorado, tanto pelo estado em que se encontravam (sujos, empoeirados, rasgados, amassados) quanto pela extensão

5.2 Indexação: leitura documentária, identificação e seleção de conceitos.

A segunda etapa do processo consistiu na leitura documentária das plantas arquitetônicas, identificando quais informações relevantes extrair. Analisando as

informações e buscando através de leituras bibliográficas da área e manuais compreender as mesmas.

As pesquisas em artigos, livros, manuais online (*manual do IBGE, artigos, monografias, dissertações e teses*) sobre este tipo de documento, quais informações eram mais relevantes no caso das plantas arquitetônicas foram realizadas, porém, levando em conta poucas publicações com este assunto específico ou geral (indexação de matérias cartográficas – matérias especiais) na área de biblioteconomia e ciências da informação nas principais fontes bibliográficas e bases de dados como Scielo, Brapsi, repositórios, bibliotecas digitais se tornou um desafio selecionar, conhecer as informações relevantes para este tipo documental, e procurar quais elementos e quais termos utilizar-se para indexar e recuperar de forma eficiente as informações. “A compreensão da importância da leitura cartográfica [...] é um ponto primordial para a indexação eficaz” comenta (CASTRO, 2014, p. 13)

Os itens de informações em plantas arquitetônicas estão localizados no quadro de informações onde consta autor, desenhista, instituição responsável pela elaboração da planta, número de escala, data de elaboração, local, colaboradores do projeto, dimensões (alt. & larg.), tipo de detalhamento da obra (fachada, refeitório, estrutura, etc.), conforme mostra a **figura 3** abaixo:

Figura 3 – Quadro de identificação que está anexada em cada planta arquitetônica

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ		
CENTRO TECNOLÓGICO - DEPTº DE ARQUITETURA		
ESCRITÓRIO MODELO DE ARQUITETURA		
CAT		
NÚCLEO DE ALTOS ESTUDOS AMAZÔNICOS - NAEA		
CENTRO AGRÁRIO DO TOCANTINS		
AUTORES:	COLABORADORES	CLÁSSICA
ARG. CICERINO CARRAL	ESTUDANTES DE ARQUITETURA	CLÁSSICA
ARG. CLÁUDIO CATIVO	ALEX. ROBERTO	CLÁSSICA
	CARLOS DANIEL	CLÁSSICA
	CLÁSSICA	CLÁSSICA
ARQUITETURA ADMINISTRAÇÃO E APOIO DIDÁTICO		
FRANCHA:	ESCALA	03B
PLANTA DE ESTRUTURA DO TELHADO	1:50	
SEÇÕES TRANSVERSAIS BB', CC', DD'	DATA	
	FEV / 90	
	DESENHO	
	IZABEL SILVA	

Foto: Tayza Marçal (2016).

Entretanto, outras informações não estavam presentes no quadro, mais nas informações do desenho da própria planta arquitetônica (ventilação, arborização, luz, disposição de janelas e aberturas etc.), como mostra a **figura 4**

Figura 4 – Planta arquitetônica do projeto CAT

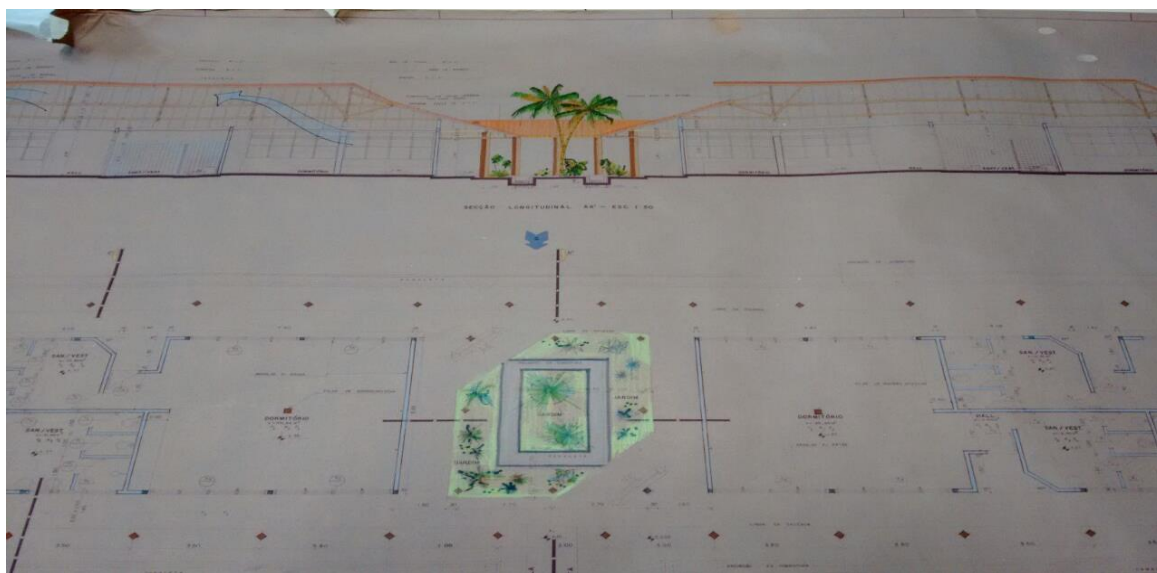


Foto: Tayza Marçal (2016)

Se autoria era atribuída, qual o termo de acesso, o desenho era atribuído a outra pessoa, qual escritório foi responsável pelo projeto, tipo de detalhamento da obra (fachada, refeitório, estrutura, ventilação, etc.) eram muitos dados em apenas uma ficha, fora informação que é contida no próprio desenho da planta arquitetônica.

Preencheu-se as informações em fichas de identificação fornecidas pelo Arquivo Central **Figura 5**, com o nome das instituições a qual pertencia (CAT e NAEA, instituições da Universidade Federal do Pará e COCAT, organização dos trabalhadores rurais). Nesta ficha se preencheram os campos de descrição física (altura/largura), datas de origem do documento e a data do tratamento, título atribuído a cada planta vinculada a um prédio específico do CAT: Refeitório, Alojamento para os colonos, Salas da administração. Além destas informações, constam nas plantas a escala e o nome dos participantes do projeto, como os professores Cicerino Cabral e alunos que participavam do projeto.

Figura 5 – Ficha de informação

Acervo Professor Jean Hebette

FICHA DE INFORMAÇÃO PARA CONSERVAÇÃO DE DOCUMENTOS

COGIGO PAUFPA DOC - 00

TIPO DOCUMENTAL: Planta arquitetônica.

Título: Arquitetura - maloca

Data: Fev. 1990

Produtor: UFPA/Centro Tecnológico-DPTº de arquitetura – escritório modelo de arquitetura

Desenho: Eliana Mendes

Colaboradores: Daniel Rosa/ Isabel Silva/ Sofia Kikuchi/ Eliana Mendes/ Marília Frazão/ Alice Rodrigues/ Ana Claudia Cardoso/ Cláudia Vilar.

Dimensões: 0,95 x 0,67 **Escala:** 1:50

Local: Belém

Folhas (1)

Cópias:

Outros dados: Transversal AA', elevação 1,2,3,4, planta baixa, planta de estrutura do telhado.

Estado de conservação: Bom (x) Regular () Sofrível ().

Proposta/Etapas do tratamento:

(x) limpeza mecânica () desmonte () reconstituição do suporte

() remendos

() enxertos () aplanamento

Acondicionamento recomendado: mapotecas () caixas de papelão microondulado reforçado () mantenedor tubular ().

Justificativa do tratamento: Divulgação para pesquisa.

Orgão custodiador: Núcleo de Ciências Agrárias e Desenvolvimento Rural – NCADR

Acervo Cartográfico Professor Jean Hébette

Data do tratamento:

OBS. Guardar 01 original e 02 cópias.

11 A

1

Fonte: Ficha fornecida pelo arquivo central da UFPA, 2016

Para fins de registrar todos os dados e melhor visualização, foi elaborada uma tabela para cadastrar e resumir as informações das plantas arquitetônicas. Os dados contidos nesta tabela foram extraídos da ficha de informação e conservação de documentos, conforme **Quadro 2**.

Quadro 2 – Tabela de dados

Tabela de dados das plantas do CAT									
Nº da planta	Título	Autor do desenho	Data	Dimensões	Escala	Estado de conservação	Proposta/Etapas do tratamento	Informações adicionais	Nº de cópias
06 B	Alojamento para estagiários	Cláudia Villar	Fev. 1990	0,72 x 1,30	1:50	Bom	Limpeza mecânica	Secção transversal BB', CC', DD', planta da estrutura do telhado.	
03 A	Administração e apoio didático	Isabel Silva	Fev. 1990	0,65 x 1, 51	1:50	Bom	Limpeza mecânica	Planta baixa/ secção longitudinal AA'	
04	Pavilhão didático	Ana Cláudia Cardoso	Fev. 1990	0,65 x 0,60	1:50	Regular	Limpeza mecânica Remendos	Elevações 01, 02, 03, 04	
04 B	Pavilhão didático	Ana Claudia Cardoso	Fev. 1990	0,75 x 1,45	1:50 / 1:20	Bom	Limpeza mecânica		
07 A	Alojamento para colonos	A. Rodrigues	Fev. 1990	0,72 x 1,52	1:50	Bom	Limpeza mecânica	Planta baixa	
07 C	Alojamento para colonos	Sofia Kikuchi	Fev. 1990	0,72 x 1,50	1:50	Regular	Limpeza mecânica	Elevações 01,02,03,04	1

Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

. Quanto a indexação desse tipo material, Castro (2014, p. 34) comenta: “a indexação exige uma leitura atenta do documento para a compreensão, delimitação das ideias e identificação dos objetivos propostos pelo autor”, depois especifica sobre multimeios:

O objetivo principal da indexação de multimeios é obter o máximo de aproveitamento em mínimo de tempo. A manutenção de índices dessa natureza requer esforço, dedicação e atualização constante e a maioria das pessoas não chega a fazer o rotineiramente. Este fato é lamentável então missão implica em prejuízo em relação aos seus usuários. (CASTRO, 2014, p. 35)

Ainda tratando sobre a leitura de material cartográfico comenta a autora “Assim como um processo de leitura de um texto depende da competência comunicativa do leitor, o processo de leitura de um mapa depende da competência do bibliotecário em estabelecer a relação entre o mapa, o tema e o usuário.” Castro (2014, p. 51).

Analisando e verificando as informações que interessam para a área de arquitetura e urbanismo e afins para serem registradas e recupera-las, em relação aos termos principais de representatividade da indexação, pode-se considerar três dados principais de representatividade e recuperação: Título, informações adicionais e nome do projeto.

Através da tabela e ficha de identificação selecionar os termos que representem as informações das plantas arquitetônicas individualmente para que o usuário possa ter acesso ao documento de forma eficaz e com informações pertinentes ao público voltado para este tipo de material.

Analisados estes dados e informações sobre a representatividade e termos importantes na indexação de plantas arquitetônicas, a próxima etapa é cadastrar em um sistema de biblioteca e recuperar esses termos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O profissional da informação tem que saber lidar com todos os tipos de suporte e materiais, mesmo não sendo do cotidiano do bibliotecário, como o as plantas arquitetônicas neste trabalho tratadas. Cabendo essa ação ao bibliotecário como mediador da informação, independente da tipologia do material, tratar, preservar e disseminar ao público de maneira eficaz observando e utilizando as ferramentas de indexação para que a tal material contribua para o conhecimento e ciência.

. A leitura documentaria objetivando a busca de termos de indexação requerem pesquisas e estudo do formato no qual a informação esta registrada. A ausência ou escassez de literaturas específicas para o tratamento deste tipo de material dificulta o processo técnico adequado

Se tratando especificamente das plantas arquitetônicas, com o avanço da tecnologia e design, o modo manual de desenho e pintura ilustrativa estão em desuso. As plantas arquitetônicas atualmente são elaboradas por meio de programas desenvolvidos para arquitetos como Revit e AutoCAD.

As plantas arquitetônicas do CAT preservadas poderão ser elemento que possibilite novas leituras sobre esse processo de interação de campos universitários distintos, além de visualmente poderem ser consideradas verdadeiras obras de arte pelo apurado senso estético que demonstram.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Luciano Leal. **Sindicalistas e Pesquisadores na Região de Marabá: uma Análise do Centro Agroambiental do Tocantins (CAT)**. 2011. 210 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Rio de Janeiro, 2011.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA E NORMAS TÉCNICAS. NBR12676: métodos para análise de documentos – determinação de seus assuntos e seleção de termos de indexação. Rio de Janeiro, 1992. 4 p.
- BOJANOSKI, Silvana de Fátima; RONCAGLIO, Cynthia; SZVARÇA, Décio Roberto. Arquivos, gestão de documentos e informação. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, Florianópolis, v. 9, n. esp., ago, 2004.
- CASTRO, Raquel Ferreira de. **Indexação de matérias cartográficas**: um estudo exploratório. 2014. 69 f. Monografia – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Porto Alegre, 2014. Acesso em: 2 de dezembro de 2017. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/112158/000953142.pdf?sequence=1>>
- CICERINO, Cabral. **Memorial do Centro Agroambiental do Tocantins**. Entrevista concedida a Tayza Stefanie Marçal da Silva e Hanna Katlen Martins Silva, em Belém, dia 15 de março de 2016. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice "A" desta monografia]
- CHAUMIER, J. **Indexação**: conceito, etapas, instrumentos. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação (São Paulo), v. 21, n.1/2, p. 63-79, jan./jun. 1988. Disponível em: <www.brapci.ufpr.br/download.php?dd0=19202>. Acesso em: 12 de nov. 2017.
- DIAS; E. W.; NAVES, M. M. L. **Análise de assunto**: teoria e prática. Brasília: Thesaurus, 2007
- GUERRA, G. A. D. **Chercheurs et syndicalistes pour un autre developpement rural**. L'experience de recherche action dans l'etat du Pará-Brésil. Paris: EHESS, 1999 (Tese de doutorado).
- GUERRA, Gutemberg Armando Diniz. O lavrador e posseiro da ciência: uma publicação sobre as complexas relações entre informação, conhecimento e desenvolvimento do Brasil atual. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, Brasília, v.24, n. 1/3, p. 217-228, jan./dez. 2007.

HÉBETTE, Jean. **Cruzando fronteira: 30 anos de estudo do campesinato na Amazônia**. Belém: EDUFPA, 2004.

HÉBETTE, Jean. O cerco está se fechando. In: _____. **Cruzando a Fronteira: 30 anos de estudo do campesinato na Amazônia**. Belém: EDUFPA, 2004, v. III, p. 23-29.

HÉBETTE, Jean. A grande Carajás: um novo momento da história moderna da Amazônia paraense. In: _____. **Cruzando a Fronteira: 30 anos de estudo do campesinato na Amazônia**. Belém: EDUFPA, 2004, v. III, p. 31-55.

HÉBETTE, Jean. O surgimento do Programa CAT. In: HÉBETTE, Jean; NAVEGANTES, Raul da Silva (Org.). **CAT – Ano décimo: Etnografia de uma utopia**. Belém, UFPA, 2000.

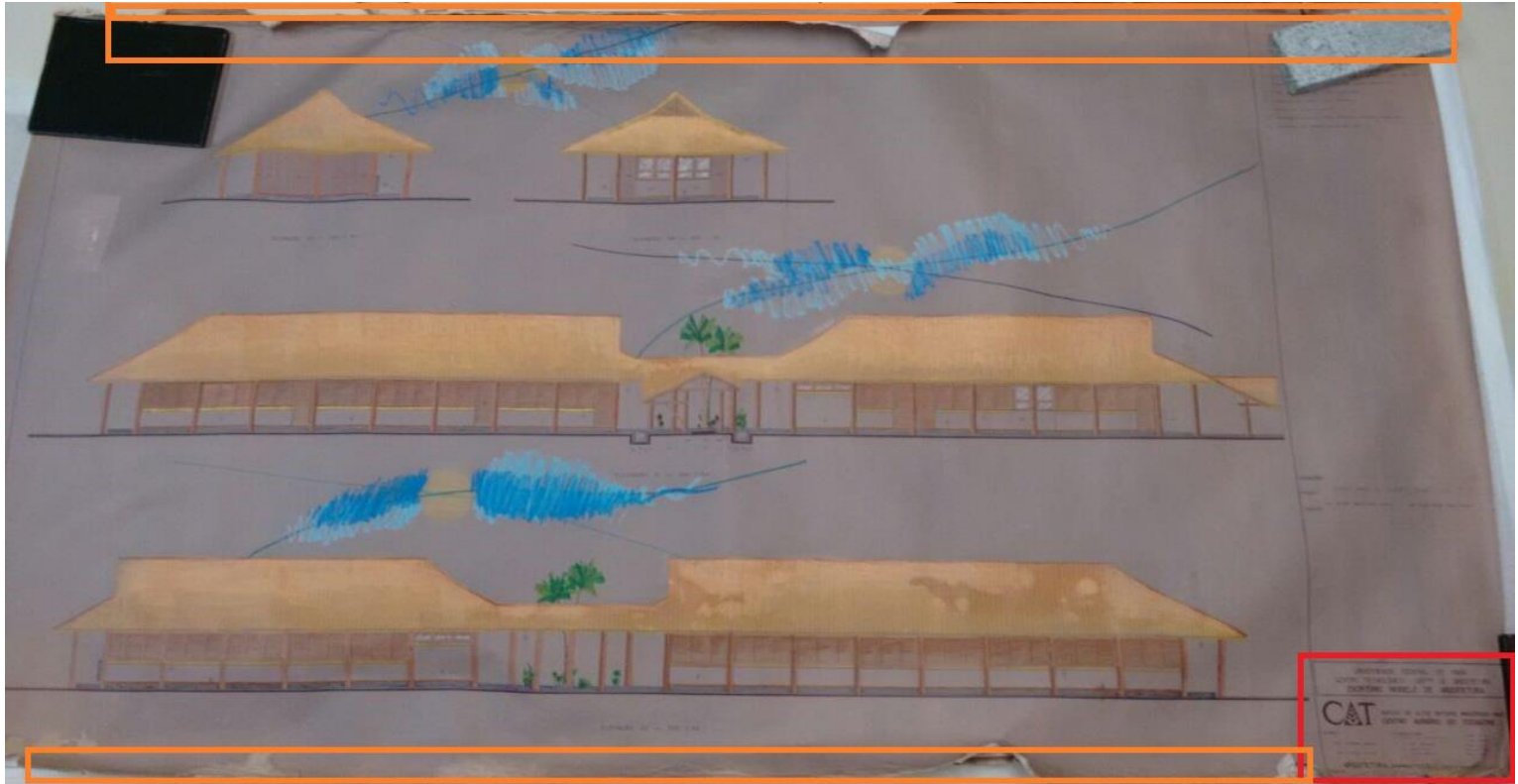
IZAWA, Sandra Miyako. **Proposta de revitalização da mapoteca da Universidade de Brasília**. 2011. 47 f. Monografia – Universidade de Brasília, Faculdade ciência da informação. Brasília, 2011. Acesso em: 20 de dezembro de 2017. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/2132/1/2011_SandraMiyakolzawa.pdf>

LANCASTER, F. W. **Indexação e resumos: teoria e prática**. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

NAVEGANTES, Raul da Silva. **Memorial do Centro Agroambiental do Tocantins**. Entrevista concedida a Tayza Stefanie Marçal da Silva e Hanna Katlen Martins Silva, em Belém no dia 21 de março de 2016 9 jun. 2015. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice "A" desta monografia]

PINTO, Maria de Fátima Siqueira. **Conservação e preservação do acervo cartográfico das bibliotecas Rio-Grandense e da Superintendência do Porto De Rio Grande/Rs: um olhar no futuro**. 2014. 67 f. Monografia – Universidade Federal do Rio Grande. Rio grande do Sul, 2014. Acesso em: 15 de dezembro de 2017. Disponível em: < <http://repositorio.furg.br/handle/1/5929>>

VAN SLYPE, G. Conception et gestion des systèmes documentaires. Paris: ED. d'Organisation, 1977 apud CHAUMIER, J. Indexação: conceito etapas e instrumentos. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v.21, n.1/2, p.63-79, jan./jun. 1988

APÊNDICE A – Imagem de planta arquitetônica do projeto CAT com marcações

Marcação em vermelho: quadro de informações sobre autoria, equipe de colaboração, data de elaboração do projeto, aluno responsável pelo desenho, título do projeto da planta e órgão executor do projeto, corte da planta, escala, pavimento/prédio.

Marcação na cor laranja: danificações e desgaste do material, indicando necessidade de restauração.

ANEXO A – Entrevistas

1- ENTREVISTA CICERINO CABRAL

Transcrição da entrevista feita com professor Cicerino Cabral, dia 15 de março de 2016, em seu escritório empresarial por volta das 10:30 hr. Entrevista sobre o contexto de criação da Oficina de Arquitetura e aspectos sobre o desenvolvimento do projeto arquitetônico do CAT. Duração da entrevista 41 min.

A alma do CAT é maior do que seu corpo físico. Jean Hebette sempre esteve envolvido com as lutas políticas, pela redemocratização do país. O Jean era um daqueles religiosos que participava de passeata, era pra frente e tal, e com a chegada da democracia ele continuou com os trabalhos sociais. O NAEA era ligado com a parte rural, e ele foi o orientador dos trabalhos sempre nas áreas sociais, nas questões jurídicas e sociais. O Jean sempre teve uma proximidade com o pessoal de Marabá. A ideia do CAT surgiu porque ele sentiu a necessidade de dar algum apoio às organizações da região e aos sindicatos rurais. Dar um apoio para melhorar a situação de vida, isso significa dar uma ajuda à organização da cadeia produtiva da agricultura familiar, e essa organização deveria conquistar o apoio na produção e na pesquisa. Quando eu falo de pesquisa nessa área é seleção de sementes, experimentos. Um apoio técnico de instituições de pesquisa e então melhorar a produção mais não ficar só na produção. Essa produção não tem valor se ela não tem um fornecedor, um atravessador que geralmente é quem ganha. Então da produção do sítio e da roça até o mercado, tem um espaço e quase sempre tem um aproveitador, o cara que lucra, que quer ganhar mais. A ideia dele era ajudar

com que esse produtor produzisse melhor, com mais qualidade, e chegasse ao mercado. Então a cadeia seria a produção e comercialização, seja no consumo local ou até no futuro uma comercialização e exportação para outras cidades e outros mercados.

Isso mobilizava naquele tempo os sindicatos e havia uma tensão nisso. Isso não era tranquilo, porque isso se antepunha ao estado. A gente tinha saído da ditadura, mas não saiu de uma vez, os tentáculos continuaram. Então quem estava à frente do CAT era o Jean e o Raul Navegantes. O Raul era o presidente do NAEA, era cientista político, economista e advogado. Então foi nesse ambiente que nós fomos procurados. Eu era o chefe do departamento de arquitetura e professor de projetos, e pelas nossas ligações pois eu já me dava com o Jean e o Raul. E aí eu fui procurado para ver de que maneira eu podia ajudar e a maneira que apareceu, aquela que mais me agradava e também que servia a eles, era fazer um trabalho com os alunos, já que qualquer trabalho com profissionais envolveria custos. Eu trabalharia com os alunos lá dentro da faculdade de arquitetura, e aí saímos com a ideia de montar o atelier. A gente chamou de Escritório Modelo, quando a gente cogitou isso era preciso pranchetas, tinha que ter material e outras coisas para manter o atelier de execução do projeto. E aí fomos ao Alex Fiuza de Melo que foi reitor da universidade depois. Ele era, naquele tempo, o homem da extensão, o pró-reitor de extensão, e fomos com ele e ele se prontificou a nos ajudar financeiramente, e para isso ele fazia

uma exigência que o projeto não fosse apenas de extensão, ou seja de aprimoramento profissional, ele queria que colocasse pesquisa. Então ficamos pensando o que fazer como pesquisa, o que faríamos. E eu acabei me beneficiando disso. Coloquei na cabeça que poderia elaborar um projeto de pesquisa que atendesse ao Alex e que a gente conseguisse tocar depois. Essa pesquisa foi na área de climatologia urbana, eu fiz uma estrutura, um esboço, encaminhei a um professor da UNB que tinha especialização na área de conforto ambiental, ele se prontificou a ser o orientador daquilo. É claro que eu pra ter um orientador tinha que assumir a parte daqui, e eu não tinha candidato aqui em Belém, então eu tinha que ser essa pessoa. Equacionado isso, aprovado o projeto de pesquisa, nós tivemos o financiamento para o projeto de extensão que era o projeto do CAT. Quando então definido a compra das pranchetas e o material pra gente começar a trabalhar, começou a seleção dos alunos. Então no projeto inicial eram 8 alunos, com esses 8 arquitetos a experiência que nós tivemos foi discutir a alma do projeto, o espírito do projeto. Visitamos a área, uma área interessante porque a gente pegava a Transamazônica e entrava depois de passar nos campos de plantação experimental, a gente chegava na beira do Itacaiunas, de onde a gente estava para fazer o CAT. O Itacaiunas ficava a 70 metros a baixo, o nível que ele estava. Floresta densa, solo firme mas não tão regular, isso foi o sitio que nos deram para trabalhar. Determinaram a área e tal, e aí fomos construir nos apropriando do próprio ambiente, usando isso positivamente. Bom vocês sabem que a floresta fechada ela cria um anteparo com a evaporação e normalmente esse ambiente não é confortável do ponto de vista térmico,

principalmente porque não tem vento. Mesmo que a topografia seja vantajosa, mas os ventos eram obstruídos. Aí que a arquitetura fazia a arquitetura de proteção, porque o sombreamento a gente já tinha o das árvores, era de proteção mesmo porque não podia ter atividade, equipamento, pessoas morando ali, sem ter essa proteção, mas aí fizemos uma visita e fizemos um projeto que fosse menos agressivo possível para a floresta. E depois que definimos o programa, sobrou um prédio para cada aluno. Então cada aluno concebeu e desenvolveu seu próprio projeto. Quando concebeu, eu não digo que foi uma concepção sozinha, porque nós tratávamos do conjunto, o conjunto de edificações precisava falar em si, precisava sobretudo estar numa mesma linguagem, linguagem arquitetônica de materiais, equipamentos, elementos e etc. Foram 8 prédios no total, o meu papel foi criar esse ambiente e orientar o desenvolvimento do trabalho, fazendo isso dentro do curso, como uma parte de uma atividade acadêmica de extensão.

Eu não fiquei com o material finalizado, absolutamente nada. Tempo depois uma arquiteta que também era professora, resgatou umas coisas e me mandou um desenho de implantação que eu devo ter mais não sei onde está, pois me mudei recentemente e o meu material está todo em caixas. Mas nós levamos essa produção até o desenho executivo, foram entregues para o NAEA. O papel do Jean foi pedir financiamento internacional, ele conseguiu.

Eu fui algumas vezes lá (Marabá) acompanhar a obra. A pessoa que tomou conta da obra toda foi o mestre de obras Carlos, e o Carlos foi a chave para isso, e como ele conhecia vários aspectos da obra não foi

preciso colocar empresas lá dentro, e eles pegaram a mão de obra local para fazer isso, então eu fui lá algumas vezes e fui também para a inauguração.

Depois já com o afastamento do Jean, fui lá de novo, e já achei mal conservado, porque quando o Jean se afastava do NAEA aquilo lá começou a perder, também a mudança política do país com a ascensão de outros pensamentos, os sindicatos também passaram a ter em mente não só aquilo que tinha sido inicialmente proposto, começaram com outras ideias, mudaram um pouco de função, isso eu não acompanhei porque eu estava em outro projeto de pesquisa e terminei me mudando para Brasília e me afastei alguns anos daqui. O certo é que a aquela ideia inicial, bem estruturada de pesquisa e produção, colheita, comercialização, armazenamento, toda a cadeia foi se perdendo ao longo do tempo. É claro que essas coisas nem sempre mudam para pior pode ter havido conquistas outras e tal, mas do ponto de vista do Centro agrário do Tocantins, eu acho que perdeu um pouco a finalidade.

O Jean Hebette foi a figura idealizadora e a única pessoa que esteve a frente de tudo, que coordenou tudo com o apoio do Raul que além de ser entusiasta da ideia ele era a pessoa que ocupava uma posição no NAEA que podia dar suporte para o CAT, enfim não acontece sem o esforço administrativo. Então Jean foi a alma da história toda, então quando a alma se distanciou o CAT também foi sofrendo. Jean foi a alma de tudo. Para mim o que foi importante além da experiência profissional, foi o trabalho em equipe, pois é muito importante, a experiência também que meus alunos tiveram. Acho que eles têm uma boa imagem desse trabalho, e além do trabalho profissional tem a

parte social. Ajudar a fazer alguma coisa útil, já que hoje se tem uma crítica a universidade é por esse distanciamento dela da realidade social do país. Universidades são elites, e não se misturam com o trato público. A universidade como instituição não é envolvida com o repasse desse conhecimento que ela tem.

2 - ENTREVISTA RAUL NAVEGANTES

Entrevista feita com Raul da Silva Navegantes, dia 21 de março de 2016, em sua residência por volta das 17: 45 hr. Entrevista sobre o contexto de criação do CAT. Duração da entrevista: 1: 08: 13. Legenda: P = Pergunta / R = Resposta.

P- Você poderia falar um pouco sobre o contexto pouco antes da origem do CAT e no momento em que foi elaborado inicialmente?

R- Olha, seria muito longo falar sobre tudo isso porque começou quando não tinha nenhuma ideia de se fazer o centro, tinha sim a vontade de trabalhar com as populações marginalizadas, as populações desassistidas, com essas populações. O professor Samuel Sá é um nome que vale a pena ouvir e o professor Jean, eu creio que também a professora Rosa Azevedo trabalhava na colonização da estrada Belém-Brasília que estava em início de implantação.

Então com essa abertura muito incipiente ainda as populações pobres principalmente do Maranhão começaram a se deslocar para o Pará, porque se dizia que tinha fartura de terras e que seria fácil para os trabalhadores rurais conseguirem um pedaço de terra onde eles pudessem se colocar com a família, trabalhar e ter de onde tirar sustento para suas vidas. Era neste contexto de colonização, de trabalho com colonos, vendo como se dava essa colonização que muitos

chamam de espontânea porque não é uma Colonização Oficial, porque não é uma Colonização Dirigida, mas que de espontânea não tem muita coisa não, é a pressão da miséria e a expulsão de gente pobre que faz com que eles deixem sua terra a procura de um lugar melhor, uma visão de que ali vai ser boa pra eles, essa gente vinha.

As imagens que se tem hoje na televisão dos migrantes no oriente, no leste europeu é um pouco do que se tinha naquela época em termo de população que se deslocava. Homens, mulheres, crianças, um pouco de roupa, alguma "quinquilharia" da família o que podia carregar, a força que dava para carregar, a força da família, vindos em pau-de-arara ou em caminhões fretados por atravessadores que cobravam a mais, explorados de toda forma, eles vinham e começaram a se localizar na grande região de Marabá. Bom, isso começou a incomodar os grandes proprietários das terras daquela região que historicamente viviam "muito bem, obrigado".

Marabá tinha um [densimento demográfico](#) muito pequenino, muito limitado e os grandes proprietários eram donos das terras, ou melhor, não sendo donos das terras porque eles não eram na realidade donos das terras, eram ocupantes. Mas e daí?! Quem é que ia questionar? Eram ocupantes porque os ancestrais deles tinham chegado lá e ocupado e eles eram ocupantes porque se tornaram poderosos economicamente, mandavam e desmandavam e inclusive podiam mandar matar. Eram poderosos, eram temidos e esses grandes proprietários começaram a se inquietar ao ver aquele montão do que eles chamavam de "vagabundos", que eram pessoas famintas, pessoas passando necessidade que muitas

vezes ficavam na cidade pedindo porque não tinham o que comer, alguns ficavam na cidade, nesse processo histórico, se marginalizavam socialmente, se tornavam assaltantes, ladrões, marginais, se prostituíam. Então isso que era a grande exceção era ampliando, "todos são assim", mas não, era gente honesta, gente trabalhadora que procurava a terra, que procurava o lugar e eles iam procurar onde ninguém queria ficar, mas assim mesmo era perto demais para os grandes proprietários que os expulsavam e eles iam pra mais longe e ninguém os defendia.

Os Professores, que já citei, viam esse processo de migração de vinda das populações pra cá e se diziam "a gente tem que fazer alguma coisa", especialmente o professor Jean Hébert. Se a memória não me falha, eu creio que em 74-75 nos aproximamos Jean Hébert e eu. Ele tinha essa vontade de passar da pesquisa para a extensão e através da extensão ajudar esses migrantes, esses colonos - não gosto muito da palavra colono, eu evito, mas ela se usa - bom, daí começamos a conversar e depois desaceleramos as conversas porque eu assumir a direção do Instituto de Pesquisa do Estado aí meu tempo foi pro *beleleu* e eu fiquei na direção do IDESP (Instituto de Desenvolvimento Econômico, Social e Ambiental do Pará) até início de 79 quando terminou a gestão do governador que tinha me nomeado. Isso foi ruim por um lado que não me permitia estar na Universidade com dedicação exclusiva, uma dedicação mínima eu tinha, às vezes de noite a gente conversava Jean e eu, às vezes, mas tinha aquela ideia de como ajudar, de como fazer pra participar de um apoio para essa população migrante. E eu trabalhava lá na direção do Instituto eu tinha uma visão de todos os projetos do Instituto e

tinha a discussão com mais de 100 técnicos do Instituto e naturalmente sempre que podia discutia aspectos que nos interessavam cientificamente na questão da migração e obtive excelentes apoios nessa discussão.

Bom justamente em 79 terminou o meu contrato lá eu voltei para Universidade, mas tinha o meu projeto de doutorado na França logo em seguida. Jean Hebette é belga e tinha uma excelente ligação com a França até porque ele é da belga que fala francês, da Franco Francesa, então tinha ligações com França. Eu creio foi depois que houve o congresso no sul do país em que foi discutida a cooperação franco-brasileira e tinham duas pessoas que eu não lembro agora o nome, que se interessaram bastante pela ideia de apoiar essa população miserável que migrava para o sul do estado. Eu estava na França e Jean então começou a telefonar pra mim para entrar em contato com o grupo francês que tinha sede em Paris onde eu estava morando e fazer o começo das sessões de aproximação.

Ele fazia aqui a maturação do projeto que levou alguns anos, portanto pra ser desenvolvido até que se chegou à conclusão - para abreviar a história - de que nós iríamos sim fazer um projeto de extensão em que se valorizasse o saber dessas pessoas que são marginalizadas, inclusive no seu saber. Que nós iríamos privilegiar o saber dessas pessoas, iríamos tentar ajudá-los reforçando esse saber com a sua adaptação, a nova realidade que eles passaram a viver. Porque eles trouxeram os saberes de lá pra cá, mas a terra não era a mesma, a fauna e a flora não eram as mesmas, a sociedade não era mais a mesma, a não ser pela brutalidade que lá e aqui era a mesma com relação a eles. Precisavam, portanto, de serem

fortalecidos nos mecanismos de aprendizado e vivência com essa nova realidade.

Pobres muito pobres eles não tinham facilidade em lidar com dinheiro. Então como é viver sem dinheiro? pra nós é impensável. Eles viviam formas rudimentares de vida onde se trocam as coisas, então o que é preciso e o que eu tenho? Eu tenho a minha força de trabalho, mas a minha força de trabalho que não vale nada ou vale muito pouco. Portanto, eu planto pra comer daqui a 4 meses e enquanto isso eu tenho de comer, a família tem de comer. E eles tinham os mecanismos que existem de adaptação às dificuldades, em sobrevivência. Eles caçavam, pescavam, cultivavam cultivos de rápido desenvolvimento ou as plantas, que se dá tão pouco valor aqui, que é o maxixe, jerimum essas plantas que algumas semanas já estão prontas e as frutas nativas, plantavam banana, conseguindo se manter de alguma forma. Assim, naquilo que era essencial, tão essencial mesmo eles faziam a troca.

Então logo no começo eu tinha um cacho de banana trocava caixas de banana por um pouco de sal na mercearia ou na loja, pouco importava que se ele estivesse perdendo, mas era preciso o sal. Trocava por um litro de óleo ou trocava por um pouco de leite pro neném, ou trocavam por querosene para a lamparina, pois é que aos poucos eles foram adaptando as gorduras da região para trocar pelo querosene. Era assim que eles viviam, então dinheiro pra eles era uma coisa de difícil percepção. Eles não tinham essa prática, é possível?! É! Se nunca usavam, se eles não tinham essa familiaridade, era preciso que a gente mostrasse a eles inclusive o valor que eles produziam, porque como eles não tinham muita prática de trabalho com dinheiro era preciso que eles fossem escolarizados para

compreender todo o processo de comercialização.

Como usar agricultores daquela região era o processo de exploração e que, quanto mais eles sediam quanto menos eles ganhavam. Quanto mais rapidamente eles vendiam, queriam logo se desfazer do que tinham plantado pra voltar pra trabalhar, menos eles ganhavam. Os intermediários procuravam lucrava mais, buscavam essa ideia da intermediação financeira: ganhar, ganhar e ganhar mais e ficar feliz com isso.

A alfabetização era muito pequena, muito pouca. Então muitos que são analfabetos e os de hoje são desprezados por conta disso. O saber alfabetizado, mas existem outros “saber”, que é o saber viver, que tinha permitido querer viver mesmo quando tudo era contra; que certamente nós professores não saberíamos fazer a mesma coisa. Nós não tínhamos aquele saber e normalmente a sociedade despreza esse saber por que parece que é algo menor, nós valorizávamos e queríamos que eles soubessem que havia na universidade quem valorizasse o que eles sabiam.

Bom, a aproximação com esse grupo francês já me lembrei do nome do grupo GRET [Grupo de Pesquisa e Intercâmbios Tecnológicos]. Através do GRET e o Jean foi o elemento de ligação primeiro com este grupo, se começou a tecer a discussão de como fazer para ajudar, eram multidões nós éramos muito pequenos para pra alcançar as pessoas que precisavam. Com a vivência na pesquisa naquela área o Jean tinha tido oportunidade de fazer amizades com pessoas chave entre elas algumas lideranças do movimento dos migrantes e algumas pessoas que naquela altura participavam de um movimento que foi

um movimento muito bom da Igreja Católica naquele momento que também vou lembrar, então conhecendo pessoas como, por exemplo, um francês que morava e ainda mora em Marabá que se chama *Emanuel Vanpest**, mas todos conhecem como Mano deve ter hoje em sessenta e poucos anos, se vocês puderem entrar em contato com ele vai lembrar, ele é ótimo. Ele tinha sido Padre, largou a batina e se casou com uma senhora que fazia parte de um projeto é que era liderada pela igreja católica.

E eles tinham essa vontade de trabalhar com as pessoas pobres humildes e Mano morava lá em Marabá era francês e a relação se deu justamente porque ele trabalhava já com pessoas pobres ele era Padre, mas largou batina para se casar, mas mantia ótima relação com a Igreja Católica que era o Movimento Eclesial de Base. O nome de base mesmo, para as pessoas de base, pessoas pobres e ele e a esposa trabalhavam com isso, eles também eram pobres, mas ajudavam os mais pobres ainda. O Mano se envolveu conosco com Jean primeiro e depois comigo.

Em 85 eu voltei definitivamente pro Brasil aí eu pude trabalhar mais efetivamente com o CAT, com o tempo na universidade pude dedicar uma parte para o CAT e por felicidade quase todos os reitores aceitaram bem muito bem a ideia do CAT de forma que nos poupavam muito dos outros encargos universitários. Bom o Jean era um trator, ele trabalhava sábado e domingo, dia santo, feriado, todos os dias. Ele era Padre solteiro, mas ele vivia muito bem. Ele não vivia de um modo tradicional da igreja, na irmandade dele não gostavam de pregar pela palavra mais pelos atos. O interessante é isso que a ordem à qual ele pertence Oblatos de Maria Imaculada

eles pregam pelos atos não pela palavra, muitos dos oblatos não são conhecidos como padres. Então um oblato que morava na mesma casa que o Jean era torneiro mecânico, ia e voltava do trabalho e eles não sabiam nada no trabalho dele, mais tarde finalmente souberam que ele era padre, e tinha outro que era eletricista de uma empresa que prestava serviço ao Banco do Brasil uma empresa contratada. Quer dizer, eles achavam que pelo comportamento deles no trabalho, pela maneira deles atuarem, eles estariam divulgando as ideias de Cristo e ajudando a organizar, a ajudar os mais pobres se igualando aos mais pobres, sobretudo compreendendo como é a vida e Jean tinha muito isso e ele largou assim as ideias tradicionais que se tem de um padre, não cabia pra ele. Ele trabalhava o tempo todo pensando no CAT.

P - Ele nunca realizou alguma missa no CAT lá em Marabá?

R - Talvez. Mas ele não era conhecido como padre, ele era conhecido como professor Jean Hébette. Quem o chame de Padre Jean é raro.

Então eu pude ajudar mais o Jean quando voltei em 85 já estavam bem adiantadas as ideias do CAT junto com CRET e os mecanismos de financiamento da França ao Brasil através do CRET. É complicado esse processo de financiamento de um país para um projeto em outro país. Estava acabando de sair de um período autoritário, como dizia o general Figueiredo “tudo que fedia a povo, fedia mal pra eles”, então a gente que trabalhava com povo era visto com: “cuidado esses aí não são bons”. Então as complicações eram muito grandes, enrustado na sociedade essa ideia de trabalhar com pobre? Que negocio é esse?! Trabalhar com pobre não é valorizado então

tínhamos que vencer barreiras até nas estâncias burocráticas.

P- A UFPA financiou também?

R- Bem, conseguimos recursos não da Universidade propriamente dita por que normalmente são limitados da Universidade, mas ainda assim conseguimos alguma coisa, sobre medida das agências de financiamento do CNPQ para Universidade para o CAT, o que era uma complicação muito grande que impata um tempo colossal em que Jean se dedicava muito fazendo contabilidade. Ele era economista, ele fazia contabilidade, fazia o projeto, ele fazia e refazia, fazia de novo, para agradar quem os financiavam.

Bom dessas discussões todas se chegou ao modelo de trabalhar da universidade com os agricultores, que não fosse um modelo impositivo, em que um saber fosse preponderante sobre o outro. Já bastava que nós sendo os administradores financeiros tínhamos um poder enorme, os agricultores não tinham acesso ao dinheiro, nós tínhamos que prestar contas. Mas a ideia que muitas pessoas modestas tinham é que Jean e eu disponhamos de bens, de finanças muito grandes, nós éramos financiados, ou melhor, o projeto era financiado. Nós conseguimos nos órgãos de financiamento quem se seduzisse com projeto e aceitasse trabalhar dentro do órgão para que ele fosse financiado. O CNPQ nos financiou durante algum tempo eu creio que o curso de arquitetura para estes estudantes foi financiado sim, pela Capes. Os estudantes de arquitetura tinham bolsa que eram bolsas da Capes, creio que eram bolsas decentes, eram bolsas razoáveis.

Então como fazer isso? Nós procedemos a um modelo de coexistência Universidade-camponeses e tem muita gente

que critica o uso da palavra camponês, eu digo logo agora pra vocês que tem que tem essa situação, é complicado o uso da palavra camponês, é uma discussão teórica grande. Mas então, o que nós queríamos ter é uma forma que eles pudessem ser protagonistas do projeto, imaginamos duas instâncias que seria uma da universidade e outra a dos camponeses. Mas não seria assim: Universidade contra camponeses ou trabalhadores rurais contra professores universitários, seria um órgão dos trabalhadores rurais e o outro da Universidade como batizar isso? Nós cogitamos fazer para Universidade um local dos pesquisadores. Quem quisesse trabalhar naquela região em proveito dos trabalhadores rurais, era ali o local deles, aquele laboratório era gerido por eles como a pequena participação dos Trabalhadores Rurais. Então não era só professor, tinha uma pequena participação dos colonos, bem pequena. Do outro lado era o local dos colonos, aí foi um pouco mais complicado como organizar os trabalhadores eles são centenas? Nós concebemos uma fundação, a Fundação Agrária do Tocantins-Araguaia: FATA. Lá era o local deles, mas também não era exclusivamente deles, eles eram majoritários, mas sempre tinha presença de dois professores, normalmente de Jean e eu.

P - Lá era pra saber quem era os pequenos produtores?

R - Não, lá era pra tratar as coisas que interessavam a eles, lá era a fundação deles, para deliberar o que fazer e como a gente ia trabalhar. Como nós trabalhávamos por projetos, com projetos anuais e estávamos vivendo isso quando...

Bom, a união europeia concordou e financiar construções, concordou assim, de uma maneira vaga de financiar construções para este projeto e nós estávamos desenhando. O Cicerino Cabral, nosso amigo, nós demos o projeto pra ele e ele se sensibilizou com a proposta ele se sensibilizou muito, muito mais do que eu esperado. Nós queríamos apenas a construção, que nos ajudasse a projetar, que eles tinham lá em arquitetura a disponibilidade de tempo, de alocar o tempo deles para extensão. Então na extensão eles podiam fazer os projetos, pensávamos nós quando fomos procurar e assim eles tinham apoio, pois já tem apoio dos estudantes, que se conseguiria bolsas. Mas ele disse: "não projeto é muito bonito, o projeto que está sendo proposto precisa que o projeto de arquitetura corresponda em beleza ao projeto que está sendo proposto, para viver junto com agricultores". Começou outra rodada de discussões. Discussões não faltaram, nós aprendemos muito e nessas discussões de como fazer se acentuou uma faceta nossa, que eu digo nossa do CAT, nós queríamos ter pesquisa, extensão e ensino, fechar o circuito Universitário todo num projeto. Cicerino Cabal e com esse momento se deu uma das oportunidades mais felizes, vamos fazer agora, vamos fazer isso! Que o CAT seja o momento de fazer valer projeto de pesquisa, ensino e extensão. Vamos fazer com que se projete isso de tal forma que seja compatível, seja agradável, seja prático aos camponeses. E isso gerou uma discussão que gerou uma proposta de curso e com esse curso a orientação serena e lúcida do Cicerino Cabral para os projetos em que cada estudante ficou responsável por um pavilhão, por uma construção. Em seguida veio a construção do CAT.

P – O senhor foi ver a construção do CAT?

R – Sim. Íamos e voltávamos de ônibus, não tinha dinheiro para avião.

Comentário - porque nem todos os alunos que participaram do projeto do CAT voltaram ao local, só alguns voltaram para ver o CAT estruturado.

R - Eu não sabia que nem todos tinham ido, tinham alguns estudantes que se aproximaram, que se envolveram mais na proposta. É como eu lhe digo uma proposta de trabalhar com povo não é uma proposta muito atrativa, muito fácil de ser absorvido, se fosse trabalhar pra classe dominante seria mais fácil de ser aceito e o mercado que manda.

Nós estávamos trabalhando fora do mercado quer dizer, era uma coisa estranha, uma coisa assim, para alguns amigos é uma excentricidade que nós fazíamos, trabalhar com pobre? Porque trabalhar com esse pessoal? Porque que tem que ir pra Marabá, porque não trabalha aqui em Belém? E nós víamos com muita frequência Jean e eu, nós chegamos a morar em um dos alojamentos do CAT chegamos ao morar lá.

É justamente essa convivência de pesquisadores com Trabalhadores Rurais se deu com muita dificuldade especialmente o porquê nem sempre era possível que os mesmos Trabalhadores Rurais de sempre às reuniões, quero dizer, se de uma vez supnhamos 50- sendo ABC desta vez, e da outra vez e ia ser a B1, B2 várias mesmo. A formação deles estava de uma maneira muito lenta a não ser, o que se passou a fazer depois projetos de, não gosto de falar capacitação eu acho o nome abjeto, capacitar-se capacita os incapazes. A gente fazia projetos de estudo em áreas específicas, eles tinham dificuldade em

fazer escoar o que eles plantavam então nós organizávamos ciclos de debates ciclos de aprendizagem e participamos duas vezes da comercialização do que eles plantavam.

Como eles tinham pouco dinheiro e tinham que vender o mais cedo que possível muito pobre nós conseguimos o mecanismo que financiava principalmente o que eles mais plantavam: arroz. Então nós comprávamos arroz - tudo isso de acordo com eles- comprávamos o arroz junto com eles, estocávamos para não estragar esse arroz e quando eu chegava algum momento vendíamos esse arroz dava um lucro e tanto, e esse lucro voltava pra eles, quer dizer da prática a gente mostrava pra eles como eles eram explorados quando vendiam logo, como eles podiam trabalhar se juntando, o que é muito difícil se juntar e com esse projeto de por exemplo, comercialização do arroz nós conseguíamos fazer isso, de mostrar com números pra eles que eles recebiam menos do que eles receberiam se fosse para o comerciante. A saca de arroz eles venderiam para o comerciante assim que plantasse por 10 reais o saco, e nós comprávamos por 8 eles tinham que fazer a parte deles e eles sabiam que estavam recebendo menos do que o comerciante recebia, mas que eu ia ganhar disparado depois, Aí nós guardávamos, pagávamos a despesa de estoque, de transporte, de guarda durante quatro, cinco, seis, oito semanas até vender ao bom preço. E aí vendíamos vimos as despesas todas e voltava pra eles cerca de 14 reais e aí eles recebiam diferença 14 - 6 eles recebiam essa diferença, e aqueles que mais podiam se envolver mais recebia mais. Isso mostrava pra eles, o que nós queríamos mostrar era difícil mostrar verbalizando pela palavra, com os fatos

era mais fácil mostrar como funcionava, dava muito trabalho.

P - Vocês criaram inimizade com algumas pessoas não é?

R – Sim, sim. Eu vi até que atirarem contra a placa do CAT.

P – Você ficou no CAT até que ano?

R - Eu fiquei no CAT até que ano, até ele acabar. Nossa ideia era justamente essa: chegaria o momento de sair e pouco a pouco entregando a eles o que nós tínhamos concebido para eles. O CAT nunca foi pensado em ser da Universidade, o CAT não é da Universidade, o CAT é da FATA, a propriedade é da FATA. Nós imaginamos mecanismos jurídicos de defesa muito bons.

Dinheiro e poder são coisas que corrói muito, degradam as pessoas. Pessoas de fora que não viu como nos atacar diretamente, nos atacavam indiretamente inventavam histórias essas arroz, por exemplo, diziam: eles devolverão pra vocês 14 reais e quanto eles meteram no bolso? Vocês acham que estão trabalhando de graça aqui? Mas acham que no meio dessa dinheirama toda, eles não ficaram com nada? Esse tipo de reação foi esse minando, não diziam pra nós diretamente, mas as conversas apareceram.

P- Era senhor e o professor Jean Hébette na frente?

R – É, e inclusive o Gutemberg morava em Marabá nessa época e ele nos ajudou bastante. Nessa época teve uma confluência de interesse, uma confluência de fatos positivos, o fato do Mano ter se aproximado da gente, o Mano foi um apoio e tanto. O Mano tem uma capacidade de exposição e de se fazer compreender pelas pessoas humildes que é uma coisa fantástica, é fantástico vendo o Mano fazer uma exposição para pessoas

assim, pra pessoas modestas, fica de queixo caído simples, muito simples, humilde e cigarro na boca despretenso, mas dá um recado que é uma beleza. Vocês gostam de poesia? Vocês já leram do Vinicius de Moraes - O Operário em construção? Não!? Então fica como o dever de casa pra vocês.

Porque tudo que o nos fizemos passa pela poesia, a poesia que penso, quero dizer é o ato de criação. Então isso que nós fizemos tem um ato poético e eu acho que o Vinicius nesse Operário em construção foi de uma felicidade extraordinária que mostra justamente o como o operário constrói e se desconstrói, é lindo.

P – O FATA, ele nasceu antes do CAT?

R – Não. O CAT foi concebido como um conjunto. O CAT é o centro que se divide, que é composto é que nem um corpo o corpo de qualquer um de nós é composto de algumas partes e eu CAT como é composto é composto da FATA e do LANDSAT é assim é a composição dele. Tudo foi criado junto.

P- O Jean se ele sempre indo à frente?

R – Sim, sem dúvida.

P- Quando acabou CAT, as atividades do CAT o Jean voltou pra Belém?

R – Ele morou sempre em Belém, a maior parte do tempo era aqui em Belém. Mas a cabeça dele era o CAT, o tempo todo a cabeça dele, o tempo dele era o CAT tempo todo. Ele morava sozinho, teve uma vez que dividiu o com padre e ele também era pesquisador eu tenha uma vida muito discreta. Então ele não se preocupava em comprar óleo, não se preocupava com essas coisas de cozinha, assim, ele não tinha as preocupações que nós temos com cozinha. A cozinha dele não tinha nada, funcionava pra fazer café que ele gostava café da manhã, café da noite, um

sanduíche que ele comia de noite, o almoço ele comia no Campus ou em algum outro local ou qualquer outro local de almoçar lá e eu não era a preocupação pra ele essas coisas, como não era preocupação mais nada pra ele. A preocupação dele era o CAT, era o filho dele, era tudo pra ele o CAT se não fosse o Jean não teria sido possível o CAT.

P - Se você recorda a data que vocês saíram do CAT?

R - Eu não posso dizer precisamente, mas foi um pouco antes de 2000. P- Vocês foram se afastando aos poucos do projeto CAT, como se deu isso?

R - A emancipação. O objetivo sempre foi à emancipação, que eles se reunissem, que eles se organizassem. Eu não sei se ainda tem a participação de algum professor, eu não sei pode até ter, mas de uma forma ativa e pode ter alguns professores interessados, mas não como era no início do projeto com o laboratório, não existe mais aquela ideia de laboratório. Claro que tem pesquisadores que se interessam pela área pela temática.

nha naquela época em termo de população que se deslocava. Homens, mulheres, crianças, um pouco de roupa, alguma "quinquilharia" da família o que podia carregar, a força que dava para carregar, a força da família, vindos em pau-de-arara ou em caminhões fretados por atravessadores que cobravam a mais, explorados de toda forma, eles vinham e começaram a se localizar na grande região de Marabá. Bom, isso começou a incomodar os grandes proprietários das terras daquela região que historicamente viviam "muito bem, obrigado".

Marabá tinha um [densimento demográfico](#) muito pequenino, muito limitado e os grandes proprietários eram donos das

terras, ou melhor, não sendo donos das terras porque eles não eram na realidade donos das terras, eram ocupantes. Mas e daí?! Quem é que ia questionar? Eram ocupantes porque os ancestrais deles tinham chegado lá e ocupado e eles eram ocupantes porque se tornaram poderosos economicamente, mandavam e desmandavam e inclusive podiam mandar matar. Eram poderosos, eram temidos e esses grandes proprietários começaram a se inquietar ao ver aquele montão do que eles chamavam de "*vagabundos*", que eram pessoas famintas, pessoas passando necessidade que muitas vezes ficavam na cidade pedindo porque não tinham o que comer, alguns ficavam na cidade, nesse processo histórico, se marginalizavam socialmente, se tornavam assaltantes, ladrões, marginais, se prostituíam. Então isso que era a grande exceção era ampliando, "todos são assim", mas não, era gente honesta, gente trabalhadora que procurava a terra, que procurava o lugar e eles iam procurar onde ninguém queria ficar, mas assim mesmo era perto demais para os grandes proprietários que os expulsavam e eles iam pra mais longe e ninguém os defendia.

Os Professores, que já citei, viam esse processo de migração de vinda das populações pra cá e se diziam "a gente tem que fazer alguma coisa", especialmente o professor Jean Hébette. Se a memória não me falha, eu creio que em 74-75 nos aproximamos Jean Hébette e eu. Ele tinha essa vontade de passar da pesquisa para a extensão e através da extensão ajudar esses migrantes, esses colonos - não gosto muito da palavra colono, eu evito, mas ela se usa - bom, daí começamos a conversar e depois desaceleramos as conversas porque eu assumir a direção do Instituto de Pesquisa do Estado ai meu tempo

foi pro *beleleu* e eu fiquei na direção do IDESP (Instituto de Desenvolvimento Econômico, Social e Ambiental do Pará) até início de 79 quando terminou a gestão do governador que tinha me nomeado. Isso foi ruim por um lado que não me permitia estar na Universidade com dedicação exclusiva, uma dedicação mínima eu tinha, às vezes de noite a gente conversava Jean e eu, às vezes, mas tinha aquela ideia de como ajudar, de como fazer pra participar de um apoio para essa população migrante. E eu trabalhava lá na direção do Instituto eu tinha uma visão de todos os projetos do Instituto e tinha a discussão com mais de 100 técnicos do Instituto e naturalmente sempre que podia discutia aspectos que nos interessavam cientificamente na questão da migração e obtive excelentes apoios nessa discussão.

Bom justamente em 79 terminou o meu contrato lá eu voltei para Universidade, mas tinha o meu projeto de doutorado na França logo em seguida. Jean Hebette é belga e tinha uma excelente ligação com a França até porque ele é da belga que fala francês, da Franco Francesa, então tinha ligações com França. Eu creio foi depois que houve o congresso no sul do país em que foi discutida a cooperação franco-brasileira e tinham duas pessoas que eu não lembro agora o nome, que se interessaram bastante pela ideia de apoiar essa população miserável que migrava para o sul do estado. Eu estava na França e Jean então começou a telefonar pra mim para entrar em contato com o grupo francês que tinha sede em Paris onde eu estava morando e fazer o começo das sessões de aproximação.

Ele fazia aqui a maturação do projeto que levou alguns anos, portanto pra ser desenvolvido até que se chegou à conclusão -

para abreviar a história - de que nós iríamos sim fazer um projeto de extensão em que se valorizasse o saber dessas pessoas que são marginalizadas, inclusive no seu saber. Que nós iríamos privilegiar o saber dessas pessoas, iríamos tentar ajudá-los reforçando esse saber com a sua adaptação, a nova realidade que eles passaram a viver. Porque eles trouxeram os saberes de lá pra cá, mas a terra não era a mesma, a fauna e a flora não eram as mesmas, a sociedade não era mais a mesma, a não ser pela brutalidade que lá e aqui era a mesma com relação a eles. Precisavam, portanto, de serem fortalecidos nos mecanismos de aprendizado e vivência com essa nova realidade.

Pobres muito pobres eles não tinham facilidade em lidar com dinheiro. Então como é viver sem dinheiro? pra nós é impensável. Eles viviam formas rudimentares de vida onde se trocam as coisas, então o que é preciso e o que eu tenho? Eu tenho a minha força de trabalho, mas a minha força de trabalho que não vale nada ou vale muito pouco. Portanto, eu planto pra comer daqui a 4 meses e enquanto isso eu tenho de comer, a família tem de comer. E eles tinham os mecanismos que existem de adaptação às dificuldades, em sobrevivência. Eles caçavam, pescavam, cultivavam cultivos de rápido desenvolvimento ou as plantas, que se dá tão pouco valor aqui, que é o maxixe, jerimum essas plantas que algumas semanas já estão prontas e as frutas nativas, plantavam banana, conseguindo se manter de alguma forma. Assim, naquilo que era essencial, tão essencial mesmo eles faziam a troca.

Então logo no começo eu tinha um cacho de banana trocava caixas de banana por um pouco de sal na mercearia ou na loja, pouco importava que se ele estivesse perdendo, mas era preciso o sal. Trocava por um litro de óleo

ou trocava por um pouco de leite pro neném, ou trocavam por querosene para a lamparina, pois é que aos poucos eles foram adaptando as gorduras da região para trocar pelo querosene. Era assim que eles viviam, então dinheiro pra eles era uma coisa de difícil percepção. Eles não tinham essa prática, é possível?! É! Se nunca usavam, se eles não tinham essa familiaridade, era preciso que a gente mostrasse a eles inclusive o valor que eles produziam, porque como eles não tinham muita prática de trabalho com dinheiro era preciso que eles fossem escolarizados para compreender todo o processo de comercialização.

Como usar agricultores daquela região era o processo de exploração e que, quanto mais eles sediam quanto menos eles ganhavam. Quanto mais rapidamente eles vendiam, queriam logo se desfazer do que tinham plantado pra voltar pra trabalhar, menos eles ganhavam. Os intermediários procuravam lucrava mais, buscavam essa ideia da intermediação financeira: ganhar, ganhar e ganhar mais e ficar feliz com isso.

A alfabetização era muito pequena, muito pouca. Então muitos que são analfabetos e os de hoje são desprezados por conta disso. O saber alfabetizado, mas existem outros “saber”, que é o saber viver, que tinha permitido querer viver mesmo quando tudo era contra; que certamente nós professores não saberíamos fazer a mesma coisa. Nós não tínhamos aquele saber e normalmente a sociedade despreza esse saber por que parece que é algo menor, nós valorizávamos e queríamos que eles soubessem que havia na universidade quem valorizasse o que eles sabiam.

Bom, a aproximação com esse grupo francês já me lembrei do nome do grupo GRET [Grupo de Pesquisa e Intercâmbios Tecnológicos]. Através do GRET e o Jean foi o elemento de ligação primeiro com este grupo, se começou a tecer a discussão de como fazer para ajudar, eram multidões nós éramos muito pequenos para pra alcançar as pessoas que precisavam. Com a vivência na pesquisa naquela área o Jean tinha tido oportunidade de fazer amizades com pessoas chave entre elas algumas lideranças do movimento dos migrantes e algumas pessoas que naquela altura participavam de um movimento que foi um movimento muito bom da Igreja Católica naquele momento que também vou lembrar, então conhecendo pessoas como, por exemplo, um francês que morava e ainda mora em Marabá que se chama *Emanuel Vanpest**, mas todos conhecem como Mano deve ter hoje em sessenta e poucos anos, se vocês puderem entrar em contato com ele vai lembrar, ele é ótimo. Ele tinha sido Padre, largou a batina e se casou com uma senhora que fazia parte de um projeto é que era liderada pela igreja católica.

E eles tinham essa vontade de trabalhar com as pessoas pobres humildes e Mano morava lá em Marabá era francês e a relação se deu justamente porque ele trabalhava já com pessoas pobres ele era Padre, mas largou batina para se casar, mas mantia ótima relação com a Igreja Católica que era o Movimento Eclesial de Base. O nome de base mesmo, para as pessoas de base, pessoas pobres e ele e a esposa trabalhavam com isso, eles também eram pobres, mas ajudavam os mais pobres ainda. O Mano se envolveu conosco com Jean primeiro e depois comigo.

Em 85 eu voltei definitivamente pro Brasil aí eu pude trabalhar mais efetivamente com o CAT, com o tempo na universidade pude dedicar uma parte para o CAT e por felicidade quase todos os reitores aceitaram bem muito bem a ideia do CAT de forma que nos poupavam muito dos outros encargos universitários. Bom o Jean era um trator, ele trabalhava sábado e domingo, dia santo, feriado, todos os dias. Ele era Padre solteiro, mas ele vivia muito bem. Ele não vivia de um modo tradicional da igreja, na irmandade dele não gostavam de pregar pela palavra mais pelos atos. O interessante é isso que a ordem à qual ele pertence Oblatos de Maria Imaculada eles pregam pelos atos não pela palavra, muitos dos oblatos não são conhecidos como padres. Então um oblato que morava na mesma casa que o Jean era torneiro mecânico, ia e voltava do trabalho e eles não sabiam nada no trabalho dele, mais tarde finalmente souberam que ele era padre, e tinha outro que era eletricitista de uma empresa que prestava serviço ao Banco do Brasil uma empresa contratada. Quer dizer, eles achavam que pelo comportamento deles no trabalho, pela maneira deles atuarem, eles estariam divulgando as ideias de Cristo e ajudando a organizar, a ajudar os mais pobres se igualando aos mais pobres, sobretudo compreendendo como é a vida e Jean tinha muito isso e ele largou assim as ideias tradicionais que se tem de um padre, não cabia pra ele. Ele trabalhava o tempo todo pensando no CAT.

P - Ele nunca realizou alguma missa no CAT lá em Marabá?

R - Talvez. Mas ele não era conhecido como padre, ele era conhecido como professor Jean Hébert. Quem o chama de Padre Jean é raro.

Então eu pude ajudar mais o Jean quando voltei em 85 já estavam bem adiantadas as ideias do CAT junto com CRET e os mecanismos de financiamento da França ao Brasil através do CRET. É complicado esse processo de financiamento de um país para um projeto em outro país. Estava acabando de sair de um período autoritário, como dizia o general Figueiredo “tudo que fedia a povo, fedia mal pra eles”, então a gente que trabalhava com povo era visto com: “cuidado esses aí não são bons”. Então as complicações eram muito grandes, enrustado na sociedade essa ideia de trabalhar com pobre? Que negocio é esse?! Trabalhar com pobre não é valorizado então tínhamos que vencer barreiras até nas estâncias burocráticas.

P- A UFPA financiou também?

R- Bem, conseguimos recursos não da Universidade propriamente dita por que normalmente são limitados da Universidade, mas ainda assim conseguimos alguma coisa, sobre medida das agências de financiamento do CNPQ para Universidade para o CAT, o que era uma complicação muito grande que impedia um tempo colossal em que Jean se dedicava muito fazendo contabilidade. Ele era economista, ele fazia contabilidade, fazia o projeto, ele fazia e refazia, fazia de novo, para agradar quem os financiavam.

Bom dessas discussões todas se chegou ao modelo de trabalhar da universidade com os agricultores, que não fosse um modelo impositivo, em que um saber fosse preponderante sobre o outro. Já bastava que nós sendo os administradores financeiros tínhamos um poder enorme, os agricultores não tinham acesso ao dinheiro, nós tínhamos que prestar contas. Mas a ideia que muitas pessoas modestas tinham é que Jean e eu

disponhamos de bens, de finanças muito grandes, nós éramos financiados, ou melhor, o projeto era financiado. Nós conseguimos nos órgãos de financiamento quem se seduzisse com projeto e aceitasse trabalhar dentro do órgão para que ele fosse financiado. O CNPQ nos financiou durante algum tempo eu creio que o curso de arquitetura para estes estudantes foi financiado sim, pela Capes. Os estudantes de arquitetura tinham bolsa que eram bolsas da Capes, creio que eram bolsas decentes, eram bolsas razoáveis.

Então como fazer isso? Nós procedemos a um modelo de coexistência Universidade-camponeses e tem muita gente que critica o uso da palavra camponês, eu digo logo agora pra vocês que tem que tem essa situação, é complicado o uso da palavra camponês, é uma discussão teórica grande. Mas então, o que nós queríamos ter é uma forma que eles pudessem ser protagonistas do projeto, imaginamos duas instâncias que seria uma da universidade e outra a dos camponeses. Mas não seria assim: Universidade contra camponeses ou trabalhadores rurais contra professores universitários, seria um órgão dos trabalhadores rurais e o outro da Universidade como batizar isso? Nós cogitamos fazer para Universidade um local dos pesquisadores. Quem quisesse trabalhar naquela região em proveito dos trabalhadores rurais, era ali o local deles, aquele laboratório era gerido por eles como a pequena participação dos Trabalhadores Rurais. Então não era só professor, tinha uma pequena participação dos colonos, bem pequena. Do outro lado era o local dos colonos, aí foi um pouco mais complicado como organizar os trabalhadores eles são centenas? Nós concebemos uma

fundação, a Fundação Agrária do Tocantins-Araguaia: FATA. Lá era o local deles, mas também não era exclusivamente deles, eles eram majoritários, mas sempre tinha presença de dois professores, normalmente de Jean e eu.

P - Lá era pra saber quem era os pequenos produtores?

R - Não, lá era pra tratar as coisas que interessavam a eles, lá era a fundação deles, para deliberar o que fazer e como a gente ia trabalhar. Como nós trabalhávamos por projetos, com projetos anuais e estávamos vivendo isso quando...

Bom, a união europeia concordou e financiar construções, concordou assim, de uma maneira vaga de financiar construções para este projeto e nós estávamos desenhando. O Cicerino Cabral, nosso amigo, nós demos o projeto pra ele e ele se sensibilizou com a proposta ele se sensibilizou muito, muito mais do que eu esperado. Nós queríamos apenas a construção, que nos ajudasse a projetar, que eles tinham lá em arquitetura a disponibilidade de tempo, de alocar o tempo deles para extensão. Então na extensão eles podiam fazer os projetos, pensávamos nós quando fomos procurar e assim eles tinham apoio, pois já tem apoio dos estudantes, que se conseguiria bolsas. Mas ele disse: "não projeto é muito bonito, o projeto que está sendo proposto precisa que o projeto de arquitetura corresponda em beleza ao projeto que está sendo proposto, para viver junto com agricultores". Começou outra rodada de discussões. Discussões não faltaram, nós aprendemos muito e nessas discussões de como fazer se acentuou uma faceta nossa, que eu digo nossa do CAT, nós queríamos ter pesquisa, extensão e ensino, fechar o circuito

Universitário todo num projeto. Cicerino Cabal e com esse momento se deu uma das oportunidades mais felizes, vamos fazer agora, vamos fazer isso! Que o CAT seja o momento de fazer valer projeto de pesquisa, ensino e extensão. Vamos fazer com que se projete isso de tal forma que seja compatível, seja agradável, seja prático aos camponeses. E isso gerou uma discussão que gerou uma proposta de curso e com esse curso a orientação serena e lúcida do Cicerino Cabral para os projetos em que cada estudante ficou responsável por um pavilhão, por uma construção. Em seguida veio a construção do CAT.

P – O senhor foi ver a construção do CAT?

R – Sim. Íamos e voltávamos de ônibus, não tinha dinheiro para avião.

Comentário - porque nem todos os alunos que participaram do projeto do CAT voltaram ao local, só alguns voltaram para ver o CAT estruturado.

R - Eu não sabia que nem todos tinham ido, tinham alguns estudantes que se aproximaram, que se envolveram mais na proposta. É como eu lhe digo uma proposta de trabalhar com povo não é uma proposta muito atrativa, muito fácil de ser absorvido, se fosse trabalhar pra classe dominante seria mais fácil de ser aceito e o mercado que manda.

Nós estávamos trabalhando fora do mercado quer dizer, era uma coisa estranha, uma coisa assim, para alguns amigos é uma excentricidade que nós fazíamos, trabalhar com pobre? Porque trabalhar com esse pessoal? Porque que tem que ir pra Marabá, porque não trabalha aqui em Belém? E nós víamos com muita frequência Jean e eu, nós chegamos a morar em um dos alojamentos do CAT chegamos ao morar lá.

É justamente essa convivência de pesquisadores com Trabalhadores Rurais se deu com muita dificuldade especialmente o porquê nem sempre era possível que os mesmos Trabalhadores Rurais de sempre às reuniões, quero dizer, se de uma vez suponhamos 50- sendo ABC desta vez, e da outra vez e ia ser a B1, B2 várias mesmo. A formação deles estava de uma maneira muito lenta a não ser, o que se passou a fazer depois projetos de, não gosto de falar capacitação eu acho o nome abjeto, capacitar-se capacita os incapazes. A gente fazia projetos de estudo em áreas específicas, eles tinham dificuldade em fazer escoar o que eles plantavam então nós organizávamos ciclos de debates ciclos de aprendizagem e participamos duas vezes da comercialização do que eles plantavam.

Como eles tinham pouco dinheiro e tinham que vender o mais cedo que possível muito pobre nós conseguimos o mecanismo que financiava principalmente o que eles mais plantavam: arroz. Então nós comprávamos arroz - tudo isso de acordo com eles- comprávamos o arroz junto com eles, estocávamos para não estragar esse arroz e quando eu chegava algum momento vendíamos esse arroz dava um lucro e tanto, e esse lucro voltava pra eles, quer dizer da prática a gente mostrava pra eles como eles eram explorados quando vendiam logo, como eles podiam trabalhar se juntando, o que é muito difícil se juntar e com esse projeto de por exemplo, comercialização do arroz nós conseguíamos fazer isso, de mostrar com números pra eles que eles recebiam menos do que eles receberiam se fosse para o comerciante. A saca de arroz eles venderiam para o comerciante assim que plantasse por 10 reais o saco, e nós comprávamos por 8 eles

tinham que fazer a parte deles e eles sabiam que estavam recebendo menos do que o comerciante recebia, mas que eu ia ganhar disparado depois. Aí nós guardávamos, pagávamos a despesa de estoque, de transporte, de guarda durante quatro, cinco, seis, oito semanas até vender ao bom preço. E aí vendíamos vimos as despesas todas e voltava pra eles cerca de 14 reais e aí eles recebiam diferença 14 - 6 eles recebiam essa diferença, e aqueles que mais podiam se envolver mais recebia mais. Isso mostrava pra eles, o que nós queríamos mostrar era difícil mostrar verbalizando pela palavra, com os fatos era mais fácil mostrar como funcionava, dava muito trabalho.

P - Vocês criaram inimizade com algumas pessoas não é?

R - Sim, sim. Eu vi até que atirarem contra a placa do CAT.

P - Você ficou no CAT até que ano?

R - Eu fiquei no CAT até que ano, até ele acabar. Nossa ideia era justamente essa: chegaria o momento de sair e pouco a pouco entregando a eles o que nós tínhamos concebido para eles. O CAT nunca foi pensado em ser da Universidade, o CAT não é da Universidade, o CAT é da FATA, a propriedade é da FATA. Nós imaginamos mecanismos jurídicos de defesa muito bons.

Dinheiro e poder são coisas que corrói muito, degradam as pessoas. Pessoas de fora que não viu como nos atacar diretamente, nos atacavam indiretamente inventavam histórias essas arroz, por exemplo, diziam: eles devolverão pra vocês 14 reais e quanto eles meteram no bolso? Vocês acham que estão trabalhando de graça aqui? Mas acham que no meio dessa dinheirama toda, eles não ficaram com nada? Esse tipo de reação foi esse

minando, não diziam pra nós diretamente, mas as conversas apareceram.

P- Era senhor e o professor Jean Hébert na frente?

R - É, e inclusive o Gutemberg morava em Marabá nessa época e ele nos ajudou bastante. Nessa época teve uma confluência de interesse, uma confluência de fatos positivos, o fato do Mano ter se aproximado da gente, o Mano foi um apoio e tanto. O Mano tem uma capacidade de exposição e de se fazer compreender pelas pessoas humildes que é uma coisa fantástica, é fantástico vendo o Mano fazer uma exposição para pessoas assim, pra pessoas modestas, fica de queixo caído simples, muito simples, humilde e cigarro na boca despretenso, mas dá um recado que é uma beleza. Vocês gostam de poesia? Vocês já leram do Vinicius de Moraes - O Operário em construção? Não!? Então fica como o dever de casa pra vocês.

Porque tudo que o nos fizemos passa pela poesia, a poesia que penso, quero dizer é o ato de criação. Então isso que nós fizemos tem um ato poético e eu acho que o Vinicius nesse Operário em construção foi de uma felicidade extraordinária que mostra justamente o como o operário constrói e se desconstrói, é lindo.

P - O FATA, ele nasceu antes do CAT?

R - Não. O CAT foi concebido como um conjunto. O CAT é o centro que se divide, que é composto é que nem um corpo o corpo de qualquer um de nós é composto de algumas partes e eu CAT como é composto é composto da FATA e do LANDSAT é assim é a composição dele. Tudo foi criado junto.

P- O Jean se ele sempre indo à frente?

R - Sim, sem dúvida.

P- Quando acabou CAT, as atividades do CAT o Jean voltou pra Belém?

R – Ele morou sempre em Belém, a maior parte do tempo era aqui em Belém. Mas a cabeça dele era o CAT, o tempo todo a cabeça dele, o tempo dele era o CAT tempo todo. Ele morava sozinho, teve uma vez que dividiu o com padre e ele também era pesquisador eu tenha uma vida muito discreta. Então ele não se preocupava em comprar óleo, não se preocupava com essas coisas de cozinha, assim, ele não tinha as preocupações que nós temos com cozinha. A cozinha dele não tinha nada, funcionava pra fazer café que ele gostava café da manhã, café da noite, um sanduíche que ele comia de noite, o almoço ele comia no Campus ou em algum outro local ou qualquer outro local de almoçar lá e eu não era a preocupação pra ele essas coisas, como não era preocupação mais nada pra ele. A

preocupação dele era o CAT, era o filho dele, era tudo pra ele o CAT se não fosse o Jean não teria sido possível o CAT.

P - Se você recorda a data que vocês saíram do CAT?

R - Eu não posso dizer precisamente, mas foi um pouco antes de 2000. P- Vocês foram se afastando aos poucos do projeto CAT, como se deu isso?

R - A emancipação. O objetivo sempre foi à emancipação, que eles se reunissem, que eles se organizassem. Eu não sei se ainda tem a participação de algum professor, eu não sei pode até ter, mas de uma forma ativa e pode ter alguns professores interessados, mas não como era no início do projeto com o laboratório, não existe mais aquela ideia de laboratório. Claro que tem pesquisadores que se interessam pela área pela temática.